

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE FRANCISCO BELTRÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**A IDEIA DE NATUREZA NA OBRA “OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER”
DE GOETHE**

NICOLAS MATEUS FERREIRA DA SILVA

**FRANCISCO BELTRÃO
2020**

NICOLAS MATEUS FERREIRA DA SILVA

**A IDEIA DE NATUREZA NA OBRA “OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER”
DE GOETHE**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná; área de concentração: Produção do Espaço e Meio Ambiente; linha de pesquisa: Educação e Ensino de Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Pedroso Bauab.

FRANCISCO BELTRÃO

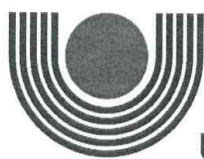
2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Silva, Nicolas Mateus Ferreira da
A IDEIA DE NATUREZA NA OBRA ?OS SOFRIMENTOS DO JOVEM
WERTHER? DE GOETHE / Nicolas Mateus Ferreira da Silva;
orientador(a), Fabricio Pedroso Bauab, 2020.
70 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão, Centro de Ciências Humanas, Graduação em GeografiaPrograma de Pós-Graduação em Geografia, 2020.

1. Natureza. 2. Goethe. 3. Werther . 4. Ciência Moderna. I. Bauab, Fabricio Pedroso. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Francisco Beltrão

Rua Maringá, 1200 – Bairro Vila Nova – Caixa Postal 371

Fone/Fax (0**46) 3520-4848 / 3520-4849 – CEP.: 85605-010 – Francisco Beltrão – PR



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO/DOUTORADO

TERMO DE APROVAÇÃO

NICOLAS MATEUS FERREIRA DA SILVA

TÍTULO DO TRABALHO: A ideia de natureza na obra “Os sofrimentos do jovem Werther” de Goethe

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia, Mestrado e Doutorado, Área de Concentração: Produção do Espaço e Meio Ambiente, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestre em Geografia ao autor.

COMISSÃO EXAMINADORA

Fabrício Pedrosa Bauab – Orientador

Alexandre Domingues Ribas
UNIOESTE/ Francisco Beltrão

João Vitor Gobis Verges
IFRS/ Caxias do Sul

Francisco Beltrão, 07 de outubro de 2020

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos meus familiares e amigos que sempre me apoiaram na trajetória acadêmica e na licenciatura, em especial a minha mãe, Marcia Cristina Fontanive.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, a CAPES/CNPQ pela bolsa de estudos, foi de suma importância durante a realização da pesquisa. Agradeço ao professor orientador Fabricio Pedroso Bauab pelos seus conselhos, pela sua paciência e as conversas que muito ajudaram na inspiração para a construção desse trabalho. Agradeço a banca pela avaliação e pelos conselhos, especialmente ao professor Alexandre, orientador durante toda minha graduação em Geografia.

Agradeço aos familiares que sempre apoiaram e deram suporte necessário durante o período da pesquisa.

Agradeço muito também a todos os amigos frequentadores da República Pinhão House em Francisco Beltrão, muitas histórias e risadas que lembrarei por toda a vida. Em especial, aos amigos Leonardo Henrique Belmonte e Luiz Carlos da Silva, os quais tive a honra e a satisfação de dividir o teto da república.

Por fim, a todos os amigos que sempre estiveram presente no cotidiano, todos os momentos de alguma maneira, trouxeram até o final desse trabalho, todos tem sua contribuição. A todos, o meu mais sincero muito obrigado.

A IDEIA DE NATUREZA NA OBRA OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER DE GOETHE

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender e analisar a concepção de Natureza do autor Johann Wolfgang von Goethe, para isso, analisaremos seu romance “Os Sofrimentos do Jovem Werther”. A obra é uma das principais do movimento filosófico alemão Sturm Und Drang e possui uma concepção de Natureza que se contrasta àquela estabelecida pela Ciência Moderna durante os séculos XVI – XVIII. Os autores da Ciência Moderna enxergavam a Natureza sob a ótica matemática, da fragmentação, mecanizada e apenas como um recurso a ser dominado e explorado pelo Homem. Goethe apresenta em Werther uma concepção de Natureza vista sob a perspectiva da arte, a entendendo como um organismo vivo e que está em unidade com o Homem. O trabalho foi estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo apresentamos o contexto, os principais autores e suas contribuições para a Ciência Moderna no que tange à concepção de Natureza. No segundo capítulo, adentramos no contexto goethiano e como a Natureza foi vista nos movimentos filosóficos Sturm Und Drang e Romantismo Alemão. No terceiro e último capítulo, buscamos apresentar e dialogar com Werther, trazendo elementos da obra que mostram como Goethe tratou a natureza e buscou contrapor-se àquela estabelecida pelos autores da Ciência Moderna.

Palavras-chave: Natureza. Goethe. Ciência Moderna. Arte. Werther.

THE IDEA OF NATURE IN THE WORK “THE SORROWS OF YOUNG WERTHER” BY GOETHE

ABSTRACT

The present work aims to understand and analyze the conception of Nature by the author Johann Wolfgang von Goethe; thus, we will analyze his novel “The Sorrows of Young Werther”. The book is one of the main works of the German philosophical movement Sturm Und Drang, and has a conception of Nature that contrasts with that which the Modern Science established during the sixteenth and eighteenth centuries. Modern Science authors saw the Nature from the perspective of mathematics and fragmentation, mechanized and merely as a resource to be dominated and exploited by Man. On the other hand, Goethe presents in Werther a conception of Nature seen from the perspective of art, understanding it as a living organism that is in unity with Man. This work was structured as follows: in the first chapter we present the general context, the main authors and their contributions to Modern Science regarding the conception of Nature. In the second chapter, we explore the Goethean context and how Nature was seen in the philosophical movements Sturm Und Drang and German Romanticism. Finally, in the third chapter, we seek to present and dialogue with Werther bringing from the book elements which show how Goethe dealt with nature, as well as he sought to oppose the idea settled by the authors of the Modern Science.

Keywords: Nature. Goethe. Modern Science. Art. Werther.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – A VISÃO DA CIÊNCIA MODERNA DE NATUREZA	9
1.1 O ADVENTO DA CIÊNCIA MODERNA: NOVAS FORMAS DE SE CONCEBER O HOMEM E A NATUREZA	9
CAPÍTULO 2 – GOETHE, STURM UND DRANG E NATUREZA	25
2.1 VIDAS E OBRAS	25
2.2 GOETHE E O STURM UND DRANG	31
2.3 NATUREZA E ROMANTISMO	36
CAPÍTULO 3 – A CONCEPÇÃO DE NATUREZA EM “OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER”	42
3.1 A NATUREZA QUE DESPERTA A VIVACIDADE	44
3.2 A NATUREZA SOB UM OLHAR MELANCÓLICO.....	53
CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) foi, sem dúvida, um dos principais pensadores da história do Ocidente, transitando por diversas áreas, desenvolvendo uma vasta obra no campo da filosofia e da ciência, além de ser um grande literato, poeta, pintor, tendo trabalhado também como estadista. Muitas vezes Goethe é lembrado apenas pelo seu lado artístico. Todavia, com essa dissertação pretendemos explorar com mais ênfase seu lado filosófico através de sua concepção de Natureza.

Goethe buscou construir uma visão de Natureza que confrontava a predominante à época, que estava sustentada nos alicerces da matemática, da racionalidade e da fragmentação, edificados pela Ciência Moderna. Buscamos identificar como Goethe chega à sua perspectiva de Natureza e como ele a traduz na obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), que teve grande impacto e alcance na época do seu lançamento, tendo influenciado toda uma geração. Para alcançarmos esse objetivo tivemos um caminho teórico a ser seguido, no sentido de entender em que contexto e quais fatos levaram Goethe a elaborar sua obra.

No primeiro capítulo analisaremos a Ciência Moderna (Séc. XVI – XVIII) e seus principais expoentes, bem como suas ideias que ajudaram a desmontar, gradativamente, a visão de universo pautada no modelo aristotélico-ptolomaico, no qual a Igreja se baseou durante toda a Idade Média (Séc. V – XV). Percebemos, desse modo, como a Natureza é dessacralizada, coisificada, fragmentada, num processo em que o homem se distanciou da natureza, não se reconhecendo parte dela e enxergando-a apenas como um recurso a ser dominado e explorado.

No segundo capítulo é que começaremos a discutir Goethe propriamente. Iniciaremos apresentando fatos que marcam sua vida, bem como influenciam na sua caminhada intelectual e na consecução de suas principais obras. Em seguida, tratamos da relação do referido autor com o movimento Sturm Und Drang, também chamado de Pré-Romantismo, quando ele inicia os primeiros escritos que buscam contrapor àquela visão de uma Natureza matematizada.

Goethe torna-se um dos principais representantes desse movimento, que de início buscou confrontar os ideais da Ciência Moderna, questionando aquela Natureza transformada em máquina e buscando trazer para a análise elementos da

subjetividade humana, que eram considerados irrelevantes aos cientistas. Também analisamos como a concepção de Natureza é trabalhada dentro do movimento romântico e estruturada com uma filosofia antagônica aos preceitos modernos.

No terceiro e último capítulo, após termos ciência do contexto em que Goethe começa e adentra no debate acerca da Natureza, analisaremos *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774) e, em conjunto com nosso referencial bibliográfico, buscaremos identificar e dialogar com a referida obra para entender como Goethe entendia a Natureza. A partir de trechos de Werther, acreditamos ser possível identificar e entender como Goethe buscou construir sua concepção de Natureza. Sob a perspectiva da subjetividade e da arte, esses fragmentos nos apresentam uma alternativa à maneira de entender a relação do Homem com a Natureza, buscando reconhecer-se como parte dela, numa tentativa de superar os limites impostos pela matemática e pela fragmentação da Ciência Moderna.

Por fim, apresentaremos nossas considerações finais, em que destacamos que é inegável todo o avanço técnico e científico que os autores da Ciência Moderna produziram. Além de tudo, foram responsáveis por superar a visão de mundo que predominou durante mais de 1000 anos sob a tutela da Igreja Católica, contudo, Goethe e todo o movimento romântico nos oferecem uma possibilidade de ir além, de entender a Natureza como algo a mais do que somente uma máquina e um recurso para o Homem, e, para isso, é necessário considerarmos elementos ignorados pela ciência. A subjetividade e a arte tornam-se essências na maneira de como podemos nos entender enquanto unidade com a Natureza. São esses aspectos que Goethe busca valorizar na construção de seus ideais na obra.

CAPÍTULO 1

A VISÃO DA CIÊNCIA MODERNA DE NATUREZA

Buscaremos apresentar nesse capítulo inicial, o contexto em que ocorreram significativas mudanças no campo científico, consolidando uma nova maneira de olhar e interpretar a Natureza e a sociedade. As descobertas e avanços técnicos e teóricos dos cientistas modernos confrontaram-se com a visão de mundo que estava estabelecida durante a Idade Média. Discutiremos essas transformações e como foi construída uma visão da Natureza, vista como um recurso a ser dominado e explorado pelo ser humano.

Destacamos como principais representantes desse período: Nicolau Copérnico (1473-1543), Johannes Kepler (1571-1630), Galileu Galilei (1564-1642), René Descartes (1596-1650), Francis Bacon (1561-1626) e Isaac Newton (1643-1727). São estes que influenciaram fortemente na construção de uma visão de mundo matemática e mecânica. O trabalho desses cientistas nos interessa muito, pois, é essa visão de mundo que será contestada e posta em discussão, principalmente no contexto do *Sturm Und Drang* (Pré-Romantismo Alemão), período em que o objeto central de nossa pesquisa, a obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774) foi publicada.

A partir do entendimento de como a Natureza foi moldada na Ciência Moderna, apresentaremos nos capítulos seguintes como esses ideais foram confrontados pelos autores do *Sturm Und Drang* e do Romantismo Alemão.

1.1 O ADVENTO DA CIÊNCIA MODERNA: NOVAS FORMAS DE SE CONCEBER O HOMEM E A NATUREZA

A revolução científica ocorrida principalmente no século XVII é fruto de um contexto que se inicia no Renascimento, quando os dogmas que regiam a sociedade da época começam a ser questionados, bem como as bases teóricas que sustentavam a cosmologia do universo aristotélico-ptolomaico durante o período da Idade Média (séc. V-XV). Muito disso se dá pelo uso da matemática, que passa a ser incorporada tanto para questões científicas quanto no dia a dia, visto que estava atrelada também ao modo de produção daquela sociedade.

A partir do momento em que a visão geocêntrica é posta em questionamento pela visão heliocêntrica, temos o início do que conhecemos como Ciência Moderna, a qual se desenvolveu a partir da matematização e racionalização do mundo, buscando superar e se contrapor à visão que imperou durante a Idade Média.

Copérnico, ao propor que a Terra não era o centro do universo e que a mesma não seria estática, mas sim, giraria em torno do Sol, começa a trilhar um caminho que atingiu seu máximo em Newton, destruindo de vez o universo aristotélico-ptolomaico medieval. O que ocorre é que “a revolução científica viu a substituição de uma atitude predominantemente instrumentalista para com a análise matemática por uma perspectiva mais realista” (HENRY, 1998, p.20).

Assim, Copérnico não só pôs a Terra em movimento contra todos os ensinamentos da física aristotélica, as Sagradas Escrituras e o senso comum, como o fez com base em fundamentos que a maioria de seus contemporâneos teria julgado ilegítimos. Por mais contrário que o movimento da Terra possa parecer à filosofia natural, Copérnico insistiu, ele deve ser verdadeiro porque a matemática o exige. Isso foi revolucionário (HENRY, 1998. p.23).

O que teria levado Copérnico à essa proposição? Henry (1998) destaca que textos que tratavam da matemática na Grécia Antiga foram recuperados por humanistas, que forneceram novos meios para o desenvolvimento da matemática, além também de um sucessivo enfraquecimento da filosofia natural de Aristóteles, o que incentivou a elaboração de outras hipóteses sobre o universo. É nesse momento que:

[...] o modelo heliocêntrico copernicano rompe com o sistema aristotélico-ptolomaico em um aspecto fundamental que é a adoção do Sol, e não da Terra, como centro, porém conserva ainda a concepção de um cosmo fechado, tendo como limite a esfera das estrelas fixas, típico da visão antiga. Será apenas progressivamente que a ideia de um universo infinito será incorporada à ciência moderna (MARCONDES, 2007, p. 156).

Na época em que Copérnico lança sua obra *Sobre a revolução dos orbis celestes* (1543), não tivera tamanha repercussão como anos mais tarde, quando Galileu e Kepler “consagraram” a revolução copernicana. A partir das observações de ambos é que as ideias de Copérnico ganharam destaque na ciência, como observa Tarnas (2003):

[...] quase nada indicava que na Europa se havia iniciado uma revolução sem precedentes na visão de mundo ocidental. Para a maioria dos que ouviram falar no assunto, a nova concepção tanto contradizia o cotidiano, era tão claramente falsa, que sequer implicava uma discussão mais séria (TARNAS, 2003, p. 273).

Ao começar a ganhar notoriedade, as ideias dessa nova cosmologia atraíram olhares mais severos do campo religioso, sobretudo, da ala dos reformadores protestantes, como nos mostra Tarnas (2003):

[...] a hipótese de Copérnico ia contra diversas passagens da Sagrada Escritura a respeito da Terra Fixa, e a Escritura era a única autoridade absoluta do Protestantismo. Questionar a revelação bíblica pela ciência humana era exatamente o tipo de sofisticação interpretativa e arrogância intelectual helênica mais abominada pelos reformadores na cultura católica. Portanto, os protestantes foram rápidos em identificar a ameaça representada pela astronomia copernicana e a condenação à heresia (TARNAS, 2003, p. 274).

Antes de falarmos sobre Kepler, necessitamos destacar o papel de Tycho Brahe (1546-1601) – um grande observador astronômico que catalogou informações que viriam a ser usadas por Kepler no desenvolvimento da Ciência Moderna. Brahe levantou uma série de dados, sobretudo a respeito de cometas que passavam na região supralunar. Isso impacta sobre um dos pressupostos do universo aristotélico-ptolomaico, pois se defendia que essa região seria imutável (HENRY, 1998).

Kepler, ainda jovem, retomou às ideias de Copérnico, o que demonstra ser a primeira transição de um grande cientista a outro. Este buscará desenvolver e aperfeiçoar o sistema heliocêntrico, tendo em vista que esse modelo atribuía uma perspectiva mais ampla ao Homem, o que, de certa forma, estimulou o jovem cientista a desenvolver as ideias copernicanas (BURTT, 1983), como observamos a seguir:

Ele acreditava que Copérnico intuía algo maior do que a teoria heliocêntrica era capaz de expressar naquele momento e que, se livre dos pressupostos ptolomaicos que ainda remanesciam [...] aquela hipótese abriria a compreensão da Ciência para um novo cosmo espetacularmente ordenado e harmonioso, refletindo diretamente a glória de Deus (TARNAS, 2003, p. 278)

Sabendo das complicações de confrontar a Igreja naquela época, os autores colocavam resquícios de religiosidade nos tratados científicos, seja por uma questão de crença mesmo do autor ou então para evitar danos maiores frente à instituição que julgava aquele conhecimento. Burt (1983, p. 46) exemplifica ao demonstrar como Kepler tratou a questão do sol no sistema de Copérnico:

Esta atribuição de divindade ao Sol foi revestida por Kepler com todas as alegorias místicas necessárias a sua aceitação no ambiente teológico prevalecente, com especial referência à doutrina da Trindade. Segundo Kepler, o Sol é Deus Pai, a esfera das estrelas fixas é Deus filho e o meio etéreo interveniente, através do qual o poder do Sol é transmitido para

impulsionar os planetas em suas órbitas, é o Espírito Santo. (BURTT, 1983, p.46).

Isso evidencia bem como Kepler consegue unificar suas duas facetas, a do matemático/astrônomo e a do contemplador, adorador do Sol. É nesse contexto que Tycho Brahe estava por concluir sua grande obra, uma compilação de dados amplos e precisos. Kepler toma acesso de toda sua obra e parte em busca de descobrir outras harmonias de ordem matemática no cosmos (BURTT, 1983).

Durante quase dez anos, Kepler laboriosamente cotejou todos os possíveis sistemas hipotéticos de círculos que podia imaginar com as observações de Tycho, concentrando-se especialmente no planeta Marte. Depois de muitos fracassos, foi obrigado a concluir que a verdadeira forma das órbitas planetárias seria alguma outra figura geométrica, e não o círculo (TARNAS, 2003, p. 278).

Já em 1609, Kepler publica a obra *Astronomia nova*, onde revela que os planetas não seguiam em suas orbitas um círculo perfeito, tal qual se acreditava, mas sim uma trajetória elíptica em torno do sol, sendo que cada qual possuía uma velocidade, dependendo da sua aproximação com relação ao Sol (HENRY, 1998).

Kepler tomara centenas e centenas de variadas observações em geral inexplicáveis dos céus, condensando-as em poucos princípios bastante concisos e abrangentes, demonstrando de maneira convincente que o Universo estava arranjando segundo elegantes harmonias matemáticas. Dados empíricos e o raciocínio matemático abstrato enfim se mesclavam com perfeição. Sobretudo [...], as mais avançadas conclusões científicas ao mesmo tempo afirmavam a teoria de Copérnico e o misticismo matemático dos antigos filósofos pitagóricos e platônicos (TARNAS, 2003, p. 279).

Kepler preocupava-se com o realismo matemático e buscava encontrar soluções físicas para esses movimentos e é em William Gilbert (1544- 1601) que vai buscar a resposta, considerando o Sol como um ímã que atrai e repele os planetas para controlar as suas trajetórias (FARA, 2014). Com isso:

Kepler sugeriu que os planetas, entre os quais a Terra, deviam ter algo semelhante a um eixo magnético que os mantinha continuamente orientados do mesmo modo no espaço e que podiam produzir fases alternadas em que eram atraídos ou repelidos pelo sol (se imaginarmos o Sol como um monopólio magnético). Kepler insistiu, no entanto, que o magnetismo devia ser visto apenas como exemplo do tipo de força que poderia estar envolvido, e recorreu também à luz do sol como um outro análogo do tipo de coisa que tinha em mente (HENRY, 1998, p. 26).

Quando o modelo elíptico foi provado – com Mercúrio passando na frente do Sol - Kepler já havia morrido, porém, outro nome que marca a Ciência Moderna, Galileu Galilei também tomou gosto pelas ideias de Copérnico. Ele ressaltava a importância dos instrumentos para o cientista conseguir fazer suas observações e experimentações (FARA, 2014).

Há contudo uma diferença entre a concepção que começa a ser desenvolvida por Galileu e a que encontramos ainda em Kepler, para quem o recurso da matemática parte de uma inspiração platônica e pitagórica, a matemática representando a perfeição formal (MARCONDES, 2007, p.158).

Galileu talvez seja o nome mais associado ao desenvolvimento da Ciência Moderna, a partir de suas validações empíricas, podendo colocar em prática aquilo que desenvolvia em seus cálculos. Tendo no telescópio toda essa importância simbolizada e, ao utiliza-lo para observar o céu, ele começou a trilhar um novo caminho cheio de descobertas. Por exemplo:

Todas as observações – crateras e montanhas na superfície da Lua, as manchas movediças no Sol, as quatro luas girando em torno de Júpiter, as fases de Vênus, as estrelas “inacreditavelmente” numerosas da Via Láctea – foram interpretadas por Galileu como vigorosas comprovações da teoria heliocêntrica de Copérnico (TARNAS, 2003, p. 280).

No campo científico, o aperfeiçoamento de instrumentos vai possibilitar que o modelo geocêntrico de universo, que a Igreja usava para respaldar toda a visão hierarquizada de sociedade, comece a ser destruído. É a experiência do presente sobrepondo-se às ideias fixadas do passado. Com isso:

O heliocentrismo de Copérnico derruba a tradicional imagem aristotélico-ptolomaica do cosmos: a Terra no centro, cercada pelas esferas dos astros. A partir de Copérnico, a Terra dos homens perde a privilegiada condição de centro do universo, enquanto na própria Terra as novas terras vão sendo descobertas. [...] a Terra aparece agora a girar em torno do Sol e ambos são poeiras perdidas no interior de mundos infinitos (PESSANHA, 1994, p.27).

O aprimoramento da luneta leva Galileu a confrontar o universo aristotélico-ptolomaico. Ele pôde ver com seus próprios olhos os céus; a experiência passa a ter valor crucial na produção do conhecimento, aliada à matemática. Percebemos, aqui, que o que está sendo vivido, o que está sendo visto, passa e ter sua importância no questionamento do que estava posto como verdade. Galileu consegue ver que não

existem as diferenças entre os mundos supra e sublunar. Assim, aos poucos, o velho sistema de universo passa a ruir. Conclui-se como resultado disso que:

A física é uma só, não há regiões substancialmente diferentes no cosmos, a ponto de causar tipos essencialmente diferentes de movimento, explicáveis por leis físicas diversas. As leis da física são universais, o macrocosmo pode ser entendido a partir de nosso microcosmos, pois este microcosmos reflete o macrocosmos. A queda dos corpos – como Galileu comprova na famosa experiência realizada na Torre de Pisa – incorpora-se a uma dinâmica universal, única (PESSANHA, 1994, p. 28).

A partir dessa adaptação do telescópio, Galileu consegue observar novas estrelas e a superfície da Lua, identificando nela uma superfície rochosa, desmistificando a ideia de sua superfície ser “lisa”, tido como verdade absoluta. Além disso tomou conhecimento de satélites na órbita de Júpiter, porém, nem isso fez com que seus adversários fossem convencidos.

Com o telescópio de Galileu, a teoria heliocêntrica já não poderia ser considerada um conjunto de cálculos simples. Agora, estava provida de materialização física visível. Além do mais, o telescópio revelava os céus em sua materialidade grosseira – não os transcendentais pontos de luz celestial, mas substâncias concretas, apropriadas para a investigação empírica, exatamente como os fenômenos naturais da Terra. A prática acadêmica consagrada pela observação e pela argumentação exclusivamente a partir dos limites do pensamento aristotélico começou a dar lugar a um novo exame crítico dos fenômenos empíricos (TARNAS, 2003, p. 281).

Galileu gostava de atrair o público e os inflamar com o seu discurso e, mesmo após receber uma intimação do Papa para ser mais discreto em suas atitudes, buscou atrair mais pessoas a conhecerem os seus estudos. Para isso, publicou, em 1632, a obra *Diálogos sobre os Dois Maiores Sistemas de Mundo: ptolomaico e copernicano*, no qual apresenta as suas ideias tentando burlar a “censura” da Igreja, através de um diálogo entre três personagens fictícios (FARA 2014).

Raras vezes em sua história a religião cristã tentara reprimir com tanta severidade uma teoria científica estritamente baseada em aparentes contradições às Escrituras. Como o próprio Galileu indicou, a Igreja há muito se habituara a sancionar as interpretações alegóricas da bíblia quando elas pareciam entrar em conflito com as evidências científicas (TARNAS, 2003, p. 282).

Apesar das várias advertências dadas pela Igreja a Galileu, ele continuava a divulgar os seus trabalhos, até ser convocado a ir à Roma explicar-se perante as

autoridades. Ao final, em 1633, Galileu foi condenado à prisão domiciliar, onde continuou seus estudos (FARA, 2014). Apesar da condenação:

Toda a cristandade institucional sofreu com a vitória copernicana, o que ia contra as duas bases religiosas – a Bíblia literal do protestantismo e a sacramental autoridade do catolicismo. Naquele momento, a maioria dos intelectuais europeus, inclusive os revolucionários científicos, permaneceria devotamente cristã. Mas o cisma entre a Ciência e a Religião uniforme nas mentes individuais – se anunciara por inteiro. Com Lutero, a independência intelectual do Ocidente se afirmara no campo da Religião; com Galileu, ela deu um passo totalmente para fora da Religião, estabeleceu novos princípios e abriu um novo território (TARNAS, 2003, p. 283).

Além de seus trabalhos sobre o cosmos, Galileu também se destacou nos estudos dos movimentos mecânicos. Seu interesse inicial se deu pela mecânica terrestre, algo que inquietava os cientistas da época, visto que a explicação aristotélica não satisfazia mais os anseios dessa geração. Assim,

Galileu analisou o movimento dos projéteis e desenvolveu a ideia decisiva da inércia. Ao contrário de Aristóteles, que sustentava que todos os corpos buscam seu lugar natural e que nada continuaria em movimento sem uma força externa aplicada constantemente, Galileu afirmou que, do mesmo modo como um corpo em repouso tenderia a continuar assim, a não ser que fosse empurrado, também um corpo em movimento tenderia a permanecer em constante movimento, a não ser que fosse de alguma forma detido ou desviado (TARNAS, 2003, p. 286).

Galileu tem êxito e consegue desenvolver uma teoria melhor e palpável. Isso porque, como vimos, Galileu valorizava a experimentação e, a partir dela é que confrontará o sistema de Aristóteles. Como, por exemplo, no caso da queda livre:

No curso de sua carreira, sua explicação da queda livre, por exemplo, o fez passar de um mero refinamento da crença de Aristóteles de que os corpos caem em velocidades proporcionais a seu peso à compreensão de que a aceleração na queda livre é constante (num vácuo) para todos os corpos. Ele também foi capaz de provar a trajetória parabólica dos projéteis, admitindo ao contrário de Aristóteles, que o movimento natural de um corpo (sua queda livre) ocorria independentemente dos movimentos forçados, não naturais, a que era submetido (HENRY, 1998, p.28).

Galileu também trabalhou para explicar uma questão levantada por Copérnico. Ele busca explicar como a Terra, um corpo celeste de peso incalculável seria mantido girando em torno de outro corpo celeste. Tal ponto era a maior dificuldade a ser explicada dentro do sistema copernicano. Para isso:

Galileu afirmou que, enquanto num plano inclinado sem atritos uma bola sem irregularidades se acelerará continuamente à medida que se move pelo declive abaixo, num plano perfeitamente horizontal essa bola não tenderá nem a ganhar nem a perder velocidade. Portanto, uma vez posta em movimento num plano horizontal, a bola continuaria a rolar indefinidamente com a mesma velocidade. Mas um plano horizontal, nesse contexto, significa um plano cujas partes mantem-se a igual distância do centro da Terra, o que poderia de fato ser uma esfera que, se aumentada, envolveria toda a Terra, Assim Galileu pode supor que, do mesmo modo como uma bola de bronze se moveria perpetuamente em torno da Terra num círculo perfeito, também a própria Terra poderia se mover perpetuamente em torno do Sol (HENRY, 1998, p.29).

Comprovando, assim, suas ideias através da matemática e da experimentação, Galileu deu um passo importante para consolidar o sistema copernicano e as ideias de Kepler a respeito dos movimentos dos planetas. Com esses trabalhos ganhando notoriedade, o velho sistema de Aristóteles e Ptolomeu praticamente não se sustenta mais. O heliocentrismo ganha força e toma um corpo teórico consolidado.

Ambos (Kepler e Galileu) acreditavam e depois demonstraram que o Universo estava matematicamente organizado, e que o progresso científico era obtido através da rigorosa comparação de hipóteses matemáticas com dados empíricos. A obra de Copérnico já proporcionava a mais fértil sugestão para a nova cosmologia; ao transformar a Terra num planeta para explicar o aparente movimento do Sol, ele deixara implícito que os céus e a Terra não deveriam e não poderiam ser considerados absolutamente distintos. Kepler foi ainda mais longe, aplicando diretamente as noções de força terrestre aos fenômenos celestiais (TARNAS, 2003, p. 284).

Buscamos desenvolver até aqui um apanhado de como ideais consolidam-se, influenciam e inauguram a ciência, que passa a ser construída a partir daquele momento, para, sobretudo, questionar o que estava posto pela igreja. Com o desenvolvimento da matemática, da experimentação, de técnicas e instrumentos, a ciência avança a ponto de construir argumentos e buscar elementos que sustentam essa nova visão de mundo e que busca desconstruir o que era tratado como verdade absoluta.

Não somente a Terra, nesse contexto, perde o seu posto sagrado de centro do universo, o Homem também, a criação de Deus, feito à sua imagem e semelhança, agora pode ser traduzido em números, em linguagem matemática. Agora podemos ser traduzidos em um dado matemático, em um cálculo. Deus perde o posto de “fonte do conhecimento” e a revelação divina passa vez à razão matemática.

Por mais que esses pensadores que discutimos buscassem se contrapor aos dogmas da Igreja, vale frisar que, mesmo eles, não conseguem romper totalmente

com a religião, pois, no contexto no qual se formavam e buscavam desenvolver os seus trabalhos, era praticamente impossível desvincular totalmente a ciência de Deus.

Copérnico, por exemplo, se vê vinculado a um idealismo neoplatônico (BURTT, 1983), em que a matemática é utilizada para dar sustentação teórica, sendo possível observar no universo uma estrutura perfeitamente calculável. Kepler, sendo um dos principais entusiastas de Copérnico, herdou dele algumas características, bem como a influência neoplatônica, pois esta lhe oferecia explicações metafísicas convincentes para os problemas matemáticos. Assim:

Estes elementos mesclaram-se em seu pensamento em diferentes graus, mas o fator isolado mais poderoso em seu entusiasmo inicial pelo copernicismo parece encontrar-se na exaltação que tal teoria dispensava à dignidade e a importância do Sol. Apesar de ser o fundador da ciência exata moderna, Kepler combinava com seus métodos exatos certas superstições de há muito desacreditadas, inclusive o que não seria injusto descrever como a adoração ao Sol, e nelas encontrava mesmo sua motivação para o uso daqueles métodos (BURTT, 1983, p.45).

Kepler conseguiu, assim, sintetizar suas superstições e crenças junto com a vontade de encontrar fórmulas matemáticas que pudessem traduzir e revelar os segredos do cosmos. Mesmo tendo uma visão do universo com certa religiosidade, Kepler acaba concebendo à matemática pura como a grande possibilidade de identificarmos as causas dos fatos. Busca-se a exatidão e o rigor matemático dos fatos observáveis (BURTT, 1983).

Assim, sendo a matemática o caminho para a verdade, Kepler é levado à separação entre qualidades primárias e secundárias da matéria. Sendo as qualidades primárias aquelas passíveis de pesquisa, de mensuração, aquelas que expressam a harmonia matemática do cosmo. As qualidades secundárias, seriam apenas uma percepção subjetiva e humana da realidade, expressão dos sentidos do homem, não sendo palpável matematicamente e estaria fadada ao erro (BURTT, 1983). Assim, vemos em Kepler e em Galileu a posição de que o mundo real é puramente harmonia matemática, e as qualidades mutáveis, vinculadas aos sentidos humanos estão em um nível inferior. E por que na visão de Kepler o mundo seria essa harmonia matemática?

A razão pela qual essa vasta e bela ordem matemática existe no universo não encontra outra explicação para Kepler que não aquela fornecida pelo aspecto religioso de seu neoplatonismo. Ele cita com aprovação a famosa expressão de Platão de que Deus realiza sempre a geometria; ele criou o mundo de acordo com harmonias numéricas, e essa razão por que ele fez a mente humana de tal modo que ela só pode compreender através das quantidades (BURTT, 1983, p.52).

Essas influências desembocam também em Galileu, que acaba por separar as qualidades primárias da matéria das secundárias. Ele vê o Universo e a Natureza escritos em linguagem matemática, daí a valorização das qualidades primárias, pois são as de cunho matemático que são uteis para a leitura e exploração da Natureza, visto que ela é harmonicamente matematizada pelo Criador. Como observa Tarnas (2003):

[...] os cientistas deveriam levar em conta somente as qualidades objetivas mensuráveis com precisão (tamanho, forma, número, peso, movimento) [...] somente por uma análise exclusivamente quantitativa a Ciência poderia obter o conhecimento seguro do mundo. [...] Galileu agora estabelecia o experimento quantitativo como teste final das hipóteses. Finalmente, para explorar as regularidades matemáticas e o verdadeiro caráter da Natureza, Galileu empregou, desenvolveu, ou inventou uma série de instrumentos técnicos: lentes, telescópio, microscópio, bússola geométrica, ímãs, termômetro, balança hidrostática. O uso desses instrumentos deu ao empirismo uma nova dimensão, desconhecida para os gregos, eliminando as teorias e a prática dos mestres aristotélicos (p. 285-286).

Já as qualidades secundárias (cor, som, sabor, textura, cheiro) seriam de cunho subjetivo, então, sem base matemática e validade científica. Veremos mais adiante como o Pré-Romantismo alemão viria a questionar esse tratamento dado as qualidades secundárias pelos precursores da Ciência.

Voltando à Ciência Moderna, é sabido que Galileu vê Deus como um grande matemático, tendo construído o mundo nessa linguagem para que nós, humanos, possamos, através do esforço, da pesquisa e do avanço da técnica, entender essa grande “equação matemática”. O conhecimento estaria, então, subordinado à matemática, além de que, essa separação homem-mundo/matemática influencia todo o desenvolvimento científico posterior, causando rupturas com outras visões de mundo (BURTT, 1983). Essa separação foi, pois,

[...] um passo fundamental rumo à expulsão do homem do grande mundo da natureza e do tratamento dado ao homem como um efeito do que acontece em tal mundo, procedimento que se tornou uma característica bastante constante da filosofia da ciência moderna e que simplificou extraordinariamente o campo da ciência, mas que trouxe em seu bojo os grandes problemas metafísicos e especialmente epistemológicos da ciência moderna (BURTT, 1983, p.71).

Nessa separação, Homem e Natureza tomam posições distintas. O Homem retira-se da natureza para lhe enxergar apenas enquanto número, enquanto algo a

ser desvendado, sem o prazer da contemplação e do bem-estar com sua interioridade e subjetividade. Separa-se o sujeito do objeto, a Natureza perde o sentido sagrado que carregava consigo e passa a ser olhado como objeto de estudo matemático e recurso natural.

A separação é necessária, pois, as qualidades secundárias que são pertencentes aos humanos não são mensuráveis aos olhos da matemática. Afinal, como quantificar os sons? Os cheiros? O sentimento ao contemplar uma bela paisagem? Por isso a necessidade de deixar claro que o mundo real, aquele que importa para a matemática, está fora do Homem e vice-versa (BURTT, 1983).

Outro pensador importante a ser mencionado é René Descartes, que tem um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento moderno. Tem como importante invenção no campo da matemática a geometria analítica, que, unindo a aritmética, a álgebra e a geometria, conseguiu criar uma nova leitura espacial (BURTT, 1983).

Com isso, Descartes será mais um autor que terá uma visão matematizada e fragmentada de mundo. Essa fragmentação vem no sentido de se dividir para o melhor aprofundamento em um dado assunto. Assim, Descartes acreditava que o mundo revelaria sua verdade e nuances apenas na linguagem numérica. “Toda outra ordem de grandeza deve ser reduzida a termos matemáticos para serem efetivamente manipulados” (BURTT, 1983, p.87). Descartes tem papel fundamental no desenvolvimento da filosofia mecânica; é ele, pois, quem vai fazer a analogia entre o Universo e um relógio.

Em suas formas mais estritas a filosofia mecânica caracterizou-se fundamentalmente por um conjunto limitado de princípios explanatórios. Todos os fenômenos deviam ser explicados a partir de conceitos empregados na disciplina matemática da mecânica: forma, tamanho, quantidade e movimento [...] A filosofia mecânica via o funcionamento do mundo natural por analogia com maquinismo: a mudança era ocasionada (e podia ser explicada) pelos engates entre os corpos, como movimento de um corpo para outro. (HENRY. 1998, p. 67).

Descartes buscou, com o seu projeto filosófico, defender o novo modelo de ciência que estava emergindo na época. Ele busca mostrar como essa nova ciência matematizada estava no caminho certo para a verdade, coisa que o antigo sistema de mundo não proporcionaria, por ter caído em concepções equivocadas, como o

geocentrismo. Somente à luz da razão humana seria possível alcançar o conhecimento verdadeiro

Em sua obra *Discurso do Método*, Descartes apresenta a ideia de que a racionalidade é inata ao homem; então, o que levaria os homens aos erros? Isso se dá pelo fato de a razão estar em mau uso, aplicada de forma errônea no conhecimento e a função do método é justamente levar a razão ao bom caminho. Para se ter sucesso na tentativa de usar de maneira certa a razão, foram desenvolvidas quatro regras, que são, nas palavras do próprio pensador:

1) nunca aceitar alguma coisa como verdadeira que eu não soubesse ser evidentemente como tal, ou seja, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção e de nada mais incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse motivo algum de duvidar dele"; 2): "dividir cada uma das dificuldades que eu analisasse em tantas parcelas quantas fossem possíveis e necessárias, a fim de melhor resolvê-las"; 3): "conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar-me, pouco a pouco, como que por degraus, até o conhecimento dos mais compostos e presumindo até mesmo uma ordem entre aqueles que não se precedem naturalmente uns aos outros"; 4): "elaborar em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir" (DESCARTES, 2006, p.21).

Essas regras evidenciam bem como Descartes pensava, olhando para o mundo buscando a fragmentação, a matematização dos objetos para que se chegasse ao conhecimento. Seguir essas regras é fundamental para que se consiga desenvolver a razão da maneira correta e eficiente, como Descartes buscava. Em suas próprias palavras:

O que me deixava satisfeito, porém, nesse método era que, por ele, tinha certeza de usar em tudo minha razão, se não de modo perfeito, ao menos o melhor que pudesse. Além disso, sentia, ao utilizá-lo, que meu espírito se acostumava pouco a pouco a conceber mais nítida e distintamente seus objetos [...] (DESCARTES, 2006, p. 23)

Os cientistas deveriam, então, seguir restritamente essas regras e aplicá-las na ciência, sendo a linguagem matemática a base. É nesse campo que o autor dedica boa parte de sua vida, tendo como conclusão que as ciências deveriam ser palpáveis com regras gerais, visto que embarcam todas no mesmo corpo orgânico. Essas regras seriam aplicadas através do método, com rigor, para evitar qualquer mau uso da razão (BURTT, 1983). A Natureza, em Descartes, adquire um sentido de máquina, conforme

já destacado, sendo que não há modificações em suas engrenagens. Como observa Tarnas (2003):

[...] Descartes pressupunha que o mundo físico fosse composto de um número infinito de partículas ou “corpúsculos” que mecanicamente colidiam e se agregavam. No entanto, como cristão, também pressupunha que esses corpúsculos não se movimentavam de modo inteiramente casual, mas obedeciam determinadas leis impostas por um Deus providencial no momento de sua criação (p. 289).

Descartes busca justamente desvendar essas leis. É interessante ressaltar, que o Homem passar a ser visto da mesma maneira, ocorrendo a separação entre alma/razão (o que ligaria o homem a Deus) e seu corpo, entendido como máquina. Sendo o corpo também “transformado” em máquina pelo olhar cartesiano, os sentidos, o “mundo sensorial”, são deixados de lado no que tange à busca pelo conhecimento, como veremos a seguir:

Para Descartes [...] o método correto do procedimento filosófico não se deve basear, de modo algum na confiabilidade da experiência sensorial. [...] Devemos buscar os princípios certos das coisas materiais, não nos preconceitos dos sentidos, mas na luz da razão, a qual possui evidência tão grande que não podemos duvidar de sua veracidade (BURTT, 1983, p. 93).

Somente assim, livrando-se das amarras ao mundo sensorial e fazendo uso apenas da razão, à luz da matemática, seria possível desvendarmos os mistérios e os segredos ocultos da Natureza, apresentada como uma máquina que teria suas engrenagens desvendadas a partir do método.

Francis Bacon é outro pensador importante nesse contexto de criação de novas ideias acerca do homem e do mundo. Bacon tinha como princípio a defesa ao método experimental. Frente à especulação antiga e à ciência puramente teórica, buscava também progredir com a união entre ciência e a técnica (MARCONDES 2007). Apesar de não ser cientista, ele se dedicou a defender essa perspectiva de conhecimento. Com suas principais obras: *Novum organum* (1620) e *The Advancement of Learning* (1605), recebeu prestígio intelectual e admiração em seu tempo.

Marcondes (2007) mostra que são dois os principais aspectos da filosofia baconiana: 1) sua concepção de pensamento crítico, expressa na teoria dos ídolos; 2) sua defesa do método indutivo no conhecimento científico e de um modelo de ciência antiespeculativo e integrado com a técnica.

Bacon preocupa-se, assim como Descartes, com a elaboração de um método que evite o erro, para isso, o método indutivo seria o caminho pelo qual os homens se livrariam de seus preconceitos para alcançar o conhecimento verdadeiro, a partir da observação. Assim:

O novo método científico é o da indução, que, com base em observações, permite o conhecimento do funcionamento da natureza e, observando a regularidade entre os fenômenos e estabelecendo relações entre eles, permite formular leis científicas que são generalizações indutivas. É desse modo que a ciência pode progredir e o conhecimento crescer de forma controlada e, portanto, segura (MARCONDES, 2007, p. 184).

Bacon traz a ideia de desvincular a Natureza da visão sacralizada e atribui-la ao papel de ser dominada pelos homens, com a finalidade puramente utilitarista. A Natureza deveria ser “experimentada”, buscando desvendá-la através da ciência, para enfim, o Homem poder conquistá-la. Isso se concretizaria a partir do empirismo e de vasta observação, como elucida Tarnas (2003):

Seria um método basicamente empírico: através da cuidadosa observação da Natureza e da hábil criação de muitos experimentos variados, praticados no contexto da pesquisa cooperativa organizada, a mente humana aos poucos obteria as leis e generalizações que proporcionariam ao Homem a compreensão da Natureza, necessária para controlá-la (p. 295)

Bacon busca mostrar a importância da experiência para o avanço da ciência, que seria responsável por trazer aos homens benefícios sobre a exploração da Natureza, para enfim, dominar seus recursos. Bacon criticava estudiosos que faziam uso demasiado da dedução para a construção do seu conhecimento. Alegava que suas premissas podiam partir de puras deduções criadas na mente do filósofo, sem base material, pois:

Para Bacon, o máximo que a Razão pura obteria em tais circunstâncias seria tecer em torno de si uma teia de abstrações sem nenhuma validade objetiva. Em compensação, o verdadeiro filósofo abordava o mundo real diretamente e o estudava, sem falsas antecipações que prejudicassem o resultado. Ele teria sua mente limpa das distorções subjetivas (TARNAS, 2003, p. 296).

Bacon entende que Deus criou o Homem para interpretar e dominar a Natureza, porém, esse caminho não seria prazeroso e fácil, pelo contrário, seria um caminho árduo para que se purificasse e disciplinasse sua mente, para assim exercer seu “direito” divino (TARNAS, 2003).

Em Bacon, temos a união do que seria o trabalho prático (representado na figura do Homo Faber) e a teoria (o homem que pensa). Assim, estaríamos preparados para o conhecimento acerca da Natureza, que, nesse contexto, passa a ser “coisificada”, considerada apenas um recurso e que sustentará a ideia de que o progresso somente virá com seu domínio para que ela seja “útil” ao ser humano.

Chegamos, por fim, em Isaac Newton, o qual conseguiu formular suas leis até chegar à Lei da Gravitação Universal. Se ainda restava algum resquício ou dúvida acerca do universo aristotélico-ptolomaico, é com Newton que ele acaba de vez. Burt (1983) destaca que o nível de autoridade que Newton alcançou, provavelmente só Aristóteles se equipare.

Newton busca conseguir explicar todos os fenômenos naturais sob a óptica da mecânica matemática, sendo a ciência dividida em duas etapas: “[...] a dedução das forças a partir de certos movimentos, e as demonstrações de outros movimentos a partir das forças assim conhecidas” (BURTT, 1983).

O empirismo é outro elemento presente na ciência newtoniana. O trabalho do cientista assim pode ser experimentado, testado na Natureza e esse trabalho de experimentação deve fazer parte do processo científico. Newton distancia-se um pouco de Kepler e Galileu no sentido de não haver certezas *a priori*. O mundo é o que está posto e pelas leis matemáticas são reveladas as verdades a respeito do Universo. A matemática molda a experiência, permitindo deduções e investigando resultados abstratos até mostrarem-se verdadeiros (BURTT, 1983).

Newton fecha, assim, um importante capítulo da história humana, ao sintetizar e consolidar definitivamente os alicerces teóricos da Ciência Moderna. Vale lembrar que durante esse contexto histórico irrompe o capitalismo, que influencia e é influenciado nessa reestruturação da visão de Natureza e de Homem.

Cabe dizer que buscamos, nesse primeiro capítulo, entender o contexto de formação e os principais alicerces da Ciência Moderna, pois, são esses ideais da matematização, da fragmentação e da racionalidade que o autor (Goethe – objeto da pesquisa) irá se contrapor. Partiremos, agora, para o segundo capítulo, no qual daremos os primeiros passos para compreender a obra de Goethe, de sua passagem pelo *Sturm Und Drang* até desenvolver sua visão de Natureza.

Antes, porém, de encerrarmos o primeiro capítulo, apresentamos o quadro síntese abaixo. É uma tentativa de apresentar a você, caro leitor, em que temas

comuns esses autores que apresentamos dialogam entre si, e o que os diferencia. Buscaremos ao longo dos próximos capítulos mostrar como essas concepções foram postas em debates através da valorização de aspectos renegados pelos cientistas modernos.

Quadro 1 – Características e maneiras de conhecer a natureza na construção da Ciência Moderna.

Matematização	Experimentação	Vínculo com o sagrado	Separação qualidades primárias e secundárias da matéria.	Natureza Recurso
Galileu; Kepler; Newton; Descartes; Copérnico. Para esses autores a matemática seria a linguagem necessária para desvendar os segredos do Cosmos.	Galileu; Bacon; Newton. A experimentação seria a maneira possível de testar ou refugar teorias. Esses momentos de experiência foram essenciais para o desenvolvimento da técnica e equipamentos que auxiliavam nos estudos.	Kepler; Bacon; Copérnico. Mesmo com seu trabalho científico, mantiveram certa proximidade com o sagrado nas obras, seja pela própria fé ou buscando evitar problemas com a Religião.	Galileu; Kepler. Entendiam ser fundamental a separação, para que a ciência se dedicasse somente às qualidades primárias, aquelas que seriam passíveis de mensuração matemática.	Bacon; Descartes. A Natureza para esses autores teria que ser conquistada e dominada pelo Homem, afim de lhe servir apenas como recurso material.

Fonte: Organizado pelo autor.

Com o quadro buscamos, de maneira generalizada, facilitar a visualização das principais ideias dos autores que discutimos nesse capítulo inicial.

CAPÍTULO 2

GOETHE, STURM UND DRANG E NATUREZA.

Neste capítulo, buscaremos debater como a visão de Natureza que foi construída durante a Ciência Moderna, através de seus ideais matemáticos e racionalistas, provocaram, na Alemanha, uma profunda reação literário-filosófica, trazendo à tona uma nova maneira de se entender o mundo a partir de elementos ignorados pelos cientistas modernos. Assim, entendendo o contexto filosófico de Goethe e sua participação e importância no movimento *Sturm Und Drang* (*tempestade e ímpeto*) e movimento romântico, analisaremos sua concepção de Natureza, a qual, contrastava-se da Ciência Moderna.

2.1 VIDA E OBRAS

Johan Wolfgang von Goethe (1749 – 1832) foi um dos mais célebres e importantes autores de sua época. A sua obra teve grande impacto e até hoje influencia uma série de discussões no âmbito acadêmico. Seu período é marcado pelo momento da formação moderna da literatura alemã, tendo, nos vários campos de discussões, intensos debates no sentido de se produzir uma nova maneira de se ver o mundo, tanto no âmbito político, quanto no cultural e econômico.

Goethe nasceu Frankfurt, em uma família abastada financeiramente, o que lhe proporcionou uma vida dedicada aos estudos. Cresceu em um ambiente onde a cultura era valorizada, o que, sem dúvida, foi crucial para seu desenvolvimento intelectual e interesse por certos temas. Era considerado um “rapaz vivo” e com inteligência notável, que aprendia com facilidade o que lhe era ensinado, tendo iniciado os seus estudos de outros idiomas, como latim, grego, francês e italiano bem cedo (ORLANDI, 1972).

Seu pai era visto como uma pessoa rígida, organizada, interessada na pesquisa, em coleções de livros e quadros, características que Goethe herdara. Sua mãe, por vez, era vista como uma pessoa alegre e jovem, aberta às realidades que o mundo lhe apresenta, espontânea e criativa, tendo herdado dela o gosto pela poesia (ORLANDI, 1972).

Goethe cresce na cidade de Frankfurt, torna-se um espectador frequente dos teatros apresentados pelas companhias além-Reno, muitas vezes desenvolvendo amizade com os artistas e até mesmo frequentando camarins dos mesmos (ORLANDI, 1972). A guerra dos Sete Anos (1756 e 1763) mostra-se importante no contexto de descobertas do jovem Goethe, pois nesse período, o seu pai abrigou oficiais franceses em sua residência, o que lhe proporcionou um contato com a cultura francesa, como elucida Redyson (2015):

A presença do senhor Thoranc (tenente comandante dos franceses) trouxe ao menino Goethe um grande aprendizado, o tenente era versado em letras e artes, especialmente a pintura, que despertou em Goethe o interesse por essa arte [...] (REDYSON, 2015, p. 17).

Em 1765, Goethe parte para Leipzig, onde seu pai tinha planejado formar um filho advogado e que tivesse uma carreira pública de mais destaque que ele. Porém, Goethe “prefere estudar as Belas-Artes e levar uma vida de príncipe. Gosta de dançar, de se divertir, de beber em grupo, de se entregar às conquistas amorosas [...]” (ORLANDI, 1972, p.11). Nesse contexto, Goethe, sendo influenciado pelo professor de história da arte, tem contato com as obras de Winckelmann e de Lessing, as quais tinham os maiores tratados de estética da época (REDYSON, 2015).

Três anos após partir, em 1768, Goethe retorna no dia de seu aniversário de 19 anos a Frankfurt, com seu estado de saúde debilitado e esgotado devido a vida agitada que levava em Leipzig (ORLANDI, 1972). É nesse retorno à sua terra natal que escreveu sua primeira peça teatral (Os Cúmplices) e tornou-se próximo de Susanna Catharina von Klettenberg, uma amiga de sua mãe. Ela mostra-se de grande importância na vida e pensamento de Goethe, pois, além de tratar de sua saúde naquele momento delicado, apresentou-lhe as leituras místicas e da alquimia (REDYSON, 2015). Essas leituras acabam ajudando Goethe, que passava por crises nesse momento, como podemos visualizar a seguir:

É desse período de contato com a alquimia, escritos místicos e gnósticos que o amparam em sua forte crise psíquica e emocional. Podemos supor que, na raiz desta crise, mesclavam-se interrogações sobre o porquê de sua existência, de seus estudos, de sua libido, de seu futuro (MONTEZ, 2010, p. 8).

Em 1770, tendo recuperado a sua saúde, Goethe é obrigado a voltar aos estudos em Direito. Porém, dessa vez, encaminha-se para Strasbourg. A mudança de

cidade, contudo, não é o suficiente para proporcionar um gosto pela carreira jurídica (REDYSON, 2015). Montez (2010) destaca que Goethe está diferente após suas últimas experiências, passando a contemplar a arquitetura gótica.

Goethe tem uma profunda realização pessoal nos anos em que esteve em Strasbourg, sobretudo por conhecer e ter contato com o já respeitado filósofo Johann Gottfried Herder (1744-1803), que estava trabalhando na questão da universalidade da poesia, apresentando a Goethe uma série de novos autores e temas. Herder busca mostrar como a poesia é patrimônio comum dos povos e passível de abarcar todos os sentimentos humanos e suas variadas expressões (REDYSON, 2015).

Nessa época, Goethe começa a criar laços com vários autores e artistas que cultuavam as artes, em geral, e estavam envolvidos com o movimento *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto), sobre o qual falaremos especificamente no próximo tópico de discussão. Em 1771, Goethe conclui a sua formação jurídica e parte para Frankfurt, onde, devido às influências de seu pai, começa a trabalhar como advogado no tribunal de jurados da cidade. Pouco tempo depois, segue para Wetzlar, onde, a mando de seu pai, vai para um estágio de advocacia. Goethe, devido às suas pretensões artísticas, segue para a cidade (REDYSON, 2015). Nesse momento Goethe interessa-se em pesquisar como a questão jurídica desenvolve-se na história alemã, como vemos a seguir:

[...] a estadia a trabalho em Wetzlar, sede do Tribunal Imperial do Império, enseja Goethe uma pesquisa sobre a arquitetura jurídica alemã, do ponto de vista de sua evolução até os seus dias. Este comportamento eminentemente historicista, acicatado por Herder, com quem tratava intensa correspondência, da vazão aos seus anseios de confrontar o presente com o passado alemão, com vistas ao melhor entendimento das injustiças e da opressão do mundo moderno (MONTEZ, 2010, p. 9).

Contudo, a primeira grande obra que marca definitivamente a vida de Goethe e a história da literatura é a publicação, em 1774, da obra *Os sofrimentos do Jovem Werther* – essa é a obra que tomamos como objeto principal da pesquisa. Acreditamos na possibilidade de encontrar nela uma série de elementos que nos apresenta a visão de Natureza de Goethe e como ele buscou a contrapor àquela construída com os cientistas modernos, como vimos no primeiro capítulo.

A publicação de *Werther* acaba por torná-lo um grande sucesso de vendas e alcance por toda a Europa, sendo traduzido para outras línguas do continente europeu. É com esse sucesso e, relativamente jovem, que Goethe atrai as atenções

dos maiores nomes da literatura da época, além de se tornar um dos principais expoentes do movimento *Sturm und Drang* (REDYSON, 2015).

O ano de 1775 também merece destaque na trajetória de Goethe, pois é o ano em que passa a residir em Weimar, marcando para sempre essa cidade com a sua produção intelectual. É nesse ano que Goethe conhece Charlotte von Stein, uma baronesa sete anos mais velha que ele, casada com um funcionário da corte. Ela está presente em grande parte de sua vida, constituindo uma amizade por anos (REDYSON, 2015).

Em 1776 é nomeado conselheiro privado do príncipe Karl August, assumindo funções administrativas e políticas de grande responsabilidade. Em 1779, Goethe e o duque Karl August viajam à Suíça para participarem de uma cerimônia de homenagem aos melhores alunos da Academia Militar. Nesse evento um dos homenageados era Friedrich Schiller (1759 – 1805), que anos mais tarde viria a se tornar grande amigo de Goethe (REDYSON, 2015).

Nesse período, as produções artísticas de Goethe são deixadas um pouco de lado em detrimento das funções no Estado. Dedicar-se, sobretudo, a alguns poemas nessa época. Esse trabalho para o qual é designado lhe proporciona o conhecimento dos problemas materiais que rodeavam a sociedade naquele tempo, fazendo com que se afaste do *Sturm Und Drang*. As responsabilidades de governante, a vida na corte, uma investigação científica da natureza e o estudo de Spinoza são fatores da sua nova empreitada intelectual, levando a um amadurecimento enquanto homem e poeta (ORLANDI, 1972)

Montez (2010) destaca que Goethe era uma pessoa de realizações práticas, ficando assim fácil de entender o porquê de tomar rumo para a vida política e responsabilidades de Estado.

A passagem progressiva de Goethe ao grand monde da política de Estado e o correspondente abandono artístico de assuntos provincianos em favor de arquétipo humanos generalizantes e perenes (na contramão do subjetivo excessivo que ele próprio iniciara) encaixam-se perfeitamente nas tendências que se revolviam desde sempre em seu espírito (MONTEZ, s.d., p. 11)

Goethe, no período em que esteve à frente do cargo, foi incumbido de uma série de funções, que iam desde a prevenção de incêndios, a ser presidente da Câmara, até organizar as festividades da corte. O afastamento das atividades

artísticas se dá não só pelo novo trabalho, mas também pela falta de tempo para as artes devido a grande carga de responsabilidade que tinha.

Essa grande carga que Goethe carregava desde 1776 é deixada de lado em 1786, quando partiu escondido para a Itália. Essa partida mostra o desencanto e, ao mesmo tempo, uma volta ao seu lado artístico. “É uma crise de paradigmas estéticos, filosóficos, mas, acima de tudo, uma crise existencial com claros contornos ideológicos.” (MONTEZ, 2010, p. 12). É o reencontro de Goethe com a intensidade da vida, com as artes.

Em 1788 ele retorna a Weimar e deixa todos os encargos que outrora cumprira (exceto de supervisor das minerações) e assume a direção das instituições científicas e artísticas do ducado. É no mesmo período que inicia um relacionamento com Christiane Vulpius, com quem teve, mais tarde, um filho. Algumas pessoas de seu círculo social desaprovavam esse relacionamento por ela ser uma mulher plebeia, pouco letrada e que trabalhava numa fábrica de flores artificiais (REDYSON, 2015).

Para além das mudanças que a viagem e os novos ares proporcionaram a Goethe, quando volta para Weimar tudo lhe parece estranho e as pessoas não o reconheciam mais como o mesmo. Pessoas da corte passam a evitá-lo, sobretudo quando estava na presença de Christine, devido ao preconceito da corte para com uma plebeia (MONTEZ, 2010).

Em 1790 retorna à Itália – Veneza, onde inicia os seus estudos a respeito das cores, lança uma de suas principais obras *A Metamorfose das Plantas* e também inicia a leitura de Kant. No ano seguinte é criado o teatro da corte de Weimar, que passa à sua direção, proporcionando a encenação de diversas peças de Shakespeare (1564-1616) e Lessing (1729-1781) (REDYSON, 2015).

Como mencionado anteriormente, Goethe conheceu Schiller durante a cerimônia em que este estava sendo homenageado. Porém, Goethe passou anos o criticando no campo teórico, até que em 1794 a amizade dos dois se inicia, sobretudo devido às afinidades com poesia (REDYSON, 2015). Montez (s. d., p. 14) destaca que, para além da poesia, Goethe e Schiller compartilhavam a mesma visão a respeito dos caminhos tomados pela Revolução Francesa, como veremos a seguir:

O mais relevante aqui, e talvez o ponto nevrálgico da união entre Goethe e Schiller, é o fundo comum da repercussão e da subsequente angústia política e ideológica provocada em terras alemãs pela Revolução Francesa. Inicialmente entusiasmados, como quase toda a intelectualidade alemã do

período, com os episódios no país vizinho, os dois passam da atonia ao horror, por ocasião do início da violência desatada pelo processo revolucionário (MONTEZ, s.d., p. 14).

Durante os anos que seguem, os dois trocaram correspondências e fragmentos de suas obras e escreveram juntos a obra “*Xenien*”, em 1796, “que representa o que há de mais belo em um a texto a quatro mãos, tem uma sintonia irônica e ao mesmo tempo política, trata de diversos temas, chega a ser poético e prosaico [...]” (REDYSON, 2015, p. 27). Em 1799, Goethe convence Schiller a morar em Weimar, onde reside até o ano de sua precoce morte, em 1805.

Em 1806, depois de dezoito anos de união com Christine, Goethe oficializa o seu matrimônio. Publica a primeira parte do *Fausto* em 1808, mesmo ano do falecimento de sua mãe. Após essa morte, Goethe passa a ter uma vida mais retirada, reclusa, dedicando-se aos seus estudos e meditação (ORLANDI, 1972). Em 1810, publica a *Doutrina das Cores* e, em 1811, publica a primeira parte de sua autobiografia “*Poesia e Verdade*”, consolidando uma equipe que lhe auxiliara até o fim de sua vida (REDYSON, 2015).

Em 1816 falece a sua esposa, Christine, e ele inicia a segunda parte das obras *Fausto e Viagem a Itália*. Em 1821, a saúde de Goethe começa a ficar debilitada, então ele retira-se para um balneário em Marienbad, onde volta a se encontrar com uma antiga amiga, Amalie von Levetzow, juntamente com suas três filhas. Goethe desenvolve uma grande paixão pela filha mais velha, de apenas 17 anos. Porém, a menina, devido à grande diferença de idade, recusa qualquer tentativa de se criar laços com o velho poeta.

Em 1828 morre o duque Karl August e, em 1830, seu filho. Nesse período ainda termina a *Viagem à Itália* e dedica-se a alguns poemas. Em 1831 conclui *Fausto* “acreditando que esta é a fusão de todas as suas obras entre classicismo e romantismo. ” (REDYSON, 2015, p. 32). Passa esse último período de sua vida recebendo uma série de visitas de intelectuais de diversas áreas, até falecer na manhã do dia 22 de março de 1832.

A sociedade da época se despediu de um dos maiores intelectuais do Ocidente, porém, sua obra e seu legado serão eternos, vide que uma série de pesquisadores das mais diversas áreas, ainda hoje dedicam-se a compreender esse complexo ser humano que foi Goethe, bem como sua obra.

Feita essa exposição biográfica, discutiremos, no próximo item, como Goethe relacionou-se com o movimento *Sturm Und Drang*, quando, de maneira mais radical,

contrapôs a todos aqueles ideais edificados pela Ciência Moderna, como vimos no capítulo I. Veremos também como buscou desenvolver uma nova visão de Natureza, que superasse os preceitos da razão e fosse vista sob a ótica da poesia, da interioridade humana e de nossos sentimentos.

2.2 GOETHE E O STURM UND DRANG

Iniciamos agora a exposição acerca da concepção de Natureza que começa a ser elaborada como forma de reação à maneira como ela foi tratada nos alicerces da Ciência Moderna durante os séculos XVI, XVII e XVIII. O Sturm Und Drang ocorreu principalmente na metade para o final do século XVIII, tendo em Goethe e Schiller seus principais representantes. Nesse momento, buscou-se, de maneira mais “radical”, confrontar os ideais modernos.

Nesse contexto, elementos que eram antes ignorados pelos autores na construção do conhecimento científico, como a contemplação estética, um olhar unitário e não fragmentado como pautava a Ciência Moderna, passam a ter um papel fundamental na elaboração de uma nova visão acerca da Natureza. A arte ganha destaque no desenvolvimento da análise do mundo e passa a haver uma valorização de aspectos subjetivos, que antes eram vistos como qualidades secundárias. Sobre a importância da arte para a análise da Natureza, vemos que:

Para Goethe, a arte é a melhor intérprete da natureza. À diferença da ciência, a arte não descobre leis, equações, estruturas escondidas por trás dos fenômenos, mas, ao contrário, ensina a ver os fenômenos, a aparência que surge claramente, o que está sob nossos olhos e que não sabemos ver; ela nos ensina que o mais misterioso, o mais secreto, é justamente o que está bem exposto, o visível, mais exatamente o movimento pelo qual a natureza se torna visível. Goethe sonha com um contato com a natureza que abandonasse a linguagem para ser apenas a percepção ou criação de formas. (HADOT, 2004, p. 237)

É a partir desses aspectos e de uma busca por reação ao que estava posto, que surgiu o movimento *Sturm Und Drang*, o qual se desenvolveu na Alemanha aproximadamente entre os anos de 1760-1780, como reação a todos os ideais que foram construídos com a Ciência Moderna, que ignorou em sua análise de mundo os aspectos da subjetividade humana.

São esses elementos que o movimento alemão busca enaltecer, além de colocar sua visão de mundo em confronto, buscando superar os ideais racionalistas. O *Sturm und Drang* rebelou-se contra o Classicismo Francês e enalteceu os valores germânicos, incorporando o despertar para a consciência nacional que perpassava por valorização da cultura de cada povo (BORNHEIM, 1993).

Os adeptos do *Sturm und Drang* rechaçaram o princípio de que a razão é vista como o valor supremo que subordina todos os aspectos da cultura. Ou seja, eles se contrapuseram à *Aufklaerung* (*iluminismo francês*) e ao Racionalismo (BORNHEIM, 1993). Na verdade, enxergavam a irracionalidade como uma força positiva: o caos constrói, compõe (BORNHEIM, 1993). É nesse contexto que surge a ideia de “gênio”, vista como a expressão máxima da natureza; insubmisso, indefinível (BORNHEIM, 1993). Nesse contexto:

A subordinação da natureza ao racionalismo filosófico e instrumental, a atadura sentimental forçada pela rigorosidade do cálculo matemático, a concepção moral limitada, em que os homens comportam-se conforme os princípios utilitaristas da razão idealizadora, o curso unitário da História destacado pelas metanarrativas, a busca pelas verdades universais, a imagem de Universo como uma roda mecânica fragmentada em partes, todos esses fatores fatídicos apresentaram-se aos intelectuais do Pré-Romantismo Alemão do século XVIII, como pressupostos repreensivos para a liberdade do espírito (BERGAMO, 2017, p. 14).

Carpeaux (2013) entende que uma das principais influências desse movimento foi o romance sentimental inglês, que fazia uso demasiado das emoções em seus personagens, enxergando também as belezas do mundo natural, sendo escrito de forma epistolar. Nesse sentido, a obra que talvez mais marque esse movimento é *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, tendo, nela, parte das premissas que resultaram, posteriormente, no Romantismo Alemão (BAUAB, 2001). Bornheim (1993, p.81-82) nos mostra como Werther representa os anseios do *Sturm Und Drang*:

Os gênios como Werther buscam seus refúgios na natureza, [...] procuram uma participação que dê primazia ao sentimento. [...] Procuram, portanto, a autenticidade do homem, e creem que ela só pode desenvolver-se a partir do sentimento interior da natureza. Insatisfeitos com a impessoalidade da razão, dão vazão à pessoalidade do sentimento.

Outro elemento que compõe a característica de Werther e respingou no Romantismo, posteriormente, foi, segundo Bauab (2001, p. 63):

O individualismo exacerbado de Werther. Um amor não correspondido resultou em um desencantar pleno com o mundo. Tudo perdera a graça e a natureza que parecia transformar-se sombria, vaporosa, acompanhava o estado mental do personagem goethiano, que aos poucos vai se desvanecendo [...] Assim, tal individualismo salta de Werther e passa dar feições ao que lhe cerca. É o idealismo que vê o mundo enquanto construção ideal, enquanto oriundo daquilo que desejamos e sentimos (BAUAB, 2001, p. 63).

Werther nos mostra a relação da Natureza com os sentimentos humanos. Percebemos ao decorrer da trama como a percepção de uma Natureza vital, bela, e contemplativa transforma-se em algo sem vida conforme o personagem precisa enfrentar as frustrações amorosas. Podemos ilustrar isso nas palavras do próprio Werther:

Aumenta o meu sofrimento verificar que perdi aquilo que fazia o encanto da minha vida: sagrada e tumultuosa força graças à qual podia criar mundo e mundos em torno de mim. Essa força não mais existe! Quando contemplo, da minha janela, o sol matutino rasgar a bruma sobre a colina distante, iluminando a campina silenciosa no fundo do vale, e vejo o riacho tranquilo correndo para mim e serpenteando entre os salgueiros desfolhados, essa natureza me parece fria e inanimada como uma estampa (GOETHE, 1971, p. 110).

Percebemos a importância que os sentimentos e a interioridade têm para o personagem. A contemplação que outrora era bela, agora passa a ser algo sem vida, estático e monótono, fazendo assim sua crítica à ciência moderna e ao modelo matemático/fragmentado que se estabeleceu sobre a Natureza. Ou seja:

Se a sagacidade da natureza depende do estado positivo das sensações, então romper com a imobilidade imposta pelo cálculo matemático e pela predicação racional das categorias da ordem do entendimento, torna-se o princípio propulsor da cosmovisão qualitativa do Pré-Romantismo Alemão (BERGAMO, 2017, p. 17).

A maior influência para os gênios alemães foi Rousseau (1712 – 1778), nele: “O culto da Natureza, contra as convenções da sociedade. O culto do sentimento, contra as imposições da razão. O culto do povo contra as limitações do *Ancien Régime* aristocrático” (CARPEAUX, 2013, p.56-57). Isso acaba por animar e influenciar diretamente na formação do movimento romântico.

Um nome que devemos destacar aqui é o de Johann Gottfried Herder (1744 – 1803), que chegou a ser chamado de Rousseau alemão. Herder, em 1769, embarcou em uma viagem num navio sem saber onde iria parar, sem nada pré-estabelecido.

(REDYSON, 2015). Safranski (2010, p. 21) nos mostra o que significou a viagem para Herder:

Fazer-se ao mar significou para Herder trocar de elemento vital: o firme contra o fluido, o certo pelo duvidoso; significou ganhar distância e amplitude. Também o pathos de um novo começo estava dentro disso. Uma experiência de conversão, uma volta para dentro, bem do jeito como – vinte anos antes, sob uma árvore no caminho para Vincennes – Rousseau havia experimentado sua grande inspiração: o descobrimento da verdadeira natureza sob a crosta da civilização (SAFRANSKI, 2010, p. 21).

Essa jornada, para além de uma saída aleatória na vastidão marítima, é um processo de autodescoberta, algo que é marcante nessa manifestação alemã. Na sua solidão, pôde criar um novo mundo ao olhar para sua interioridade. Herder, durante toda sua vida, trabalhou em cima de ideias que teve durante sua viagem, que foi registrado em seu diário, que serviu como documento filosófico na segunda metade do século XVIII, sendo editado apenas em 1846 sob o título *Diário de minha viagem no ano de 1769* (SAFRANSKI, 2010).

Herder e Goethe (nessa época um jovem promissor) encontram-se em 1771 e este fica entusiasmado pelas ideias oriundas da viagem em alto mar. Goethe era o aprendiz; porém Safranski (2010) nos atenta para o fato de que nem sempre o contato entre os dois era fácil, devido algumas atitudes de Herder com as quais o jovem não estava acostumado devido a sua criação. Contudo, Goethe tinha muito respeito e buscou superar sua vaidade para poder dar seguimento aos estudos, “Ele via em Herder um aventureiro de espírito, que voltara do alto mar e trouxera o fresco vento das viagens que estimula a fantasia.” (SAFRANSKI, 2010, p. 23). É com essa filosofia de vida que se pode circular livremente e desenvolver sua criatividade, um olhar para a autodescoberta, que Herder incita os jovens gênios do *Sturm Und Drang*.

Safranski (2010) nos apresenta ainda o conceito de Natureza Viva de Herder. Nela está abrangido o criativo, em que nos manifestamos euforicamente, contrariando o sinistro que nos ameaça. Tal conceito será importante para os românticos desenvolverem as suas próprias visões de Natureza; mas Herder, aqui, já dá indícios de uma possível visão que fugisse dos alicerces matemáticos e que fragmentavam a Natureza a partir do domínio da ótica racionalista no campo filosófico e científico, como vimos no primeiro capítulo. No turbilhão de pensamentos oriundos do alto mar e que, no futuro, recaíram sobre os românticos, vale destacar que, para Herder, tudo é história. Não só apenas para o Homem, mas também para a Natureza.

É um pensamento novo, entender a história da Natureza como história do desenvolvimento que faz surgir a variedade de figuras naturais, pois com ele a criação divina do mundo é incluída no processo da Natureza. Ela própria é aquela potência criadora que anteriormente fora transportada para um espaço fora da Natureza (SAFRANSKI, 2010, p. 26).

Outro aspecto interessante em Herder é como se cria uma nova faceta para o Homem, antes visto em coletivo singular, descobre-se o individualismo ou personalismo e, assim, a pluralidade (SAFRANSKI, 2010). Os influenciados por Herder, Goethe e Schiller foram os mais importantes autores desse movimento, e são também os que conseguiram superá-lo, partindo para uma nova fase da literatura alemã. Carpeaux (2013), destaca as principais obras de Goethe no período Pré-Romântico: *O cavaleiro da mão de ferro (1773)*; *Os Sofrimentos do Jovem Werther (1774)*; a primeira versão do *Fausto* (que só seria concluída pouco tempo antes de sua morte); e a maior parte de sua produção lírica.

O impacto de Werther é tão grande que provoca uma onda de imitações no seu estilo de vida, além de uma série de suicídios, tamanho impacto e comoção com o personagem, conquistando inclusive a admiração por parte de Napoleão (CARPEAUX, 2013). Sobre esses acontecimentos decorrentes do lançamento da obra:

Fica claro, [...], que a dramaturgia das obras de Goethe transportaram à realidade empírica nuances de entusiasmo e sentimento. Esse sentimentalismo poético, vinculado aos estados de ânimo do poeta, que toca os indivíduos pelo riso ou pelas lágrimas, compõe um importante pressuposto na noção de natureza incomensurável. Pois o mistério da morte constitui, para a matéria da vida, a impenetrabilidade do estado corpóreo a terrenos alegóricos, emblemáticos e imateriais da condição humana. Nessa circunstância, os segredos ocultos apenas podem ser revelados pelas representações artísticas. Estas, elaboradas pela transcendência do espírito diante da contemplação estética dos fenômenos cósmicos. (BERGAMO, 2017, p. 34)

Seguiremos agora para o debate em torno do movimento romântico alemão em si e como a Natureza é concebida por tal. Buscaremos entender como se dá o confronto entre a visão de mundo construída pela modernidade (que vimos no primeiro capítulo) em contraponto com a visão orgânica da Natureza, buscando atrela-la à interioridade humana, às artes, à contemplação, contrastando com a visão de natureza matematizada e fragmentada pela racionalidade.

Cabe salientar que o movimento romântico pode ser visto como um desdobramento desse Pré-Romantismo hostil ao desencantamento do mundo

promovido pelo desenvolvimento da Ciência Moderna. Os debates em torno do conceito de natureza feito por românticos como Schelling e Novalis são repercussões da rebeldia pré-romântica e, por isso, vamos lançar mão deles agora para voltarmos, mais respaldados, à obra *Os sofrimentos do jovem Werther*. Usaremos o movimento romântico – que Goethe em muito ajudou a gerar – para melhor compreendermos a sua tão influente obra.

2.3. NATUREZA E ROMANTISMO

Em 1797 o movimento romântico começou a ganhar forma. Organizou-se um grupo liderado pelos irmãos Schlegel, ao qual se unem Novalis, Tieck, Schleiermacher, Schelling e outros mais (BORNHEIM, 1993). O grupo encontrou unidade no entusiasmo comum pela *Teoria da Ciência* (1795) de Fichte (1762 -1814), ou seja, eles partem, pois, da filosofia de Fichte (BORNHEIM, 1993).

Mas o que entusiasmou tanto os românticos por Fichte? A ideia de “unidade”. Se, na França, a exigência de unidade realizou-se, predominantemente, em um sentido político; na Alemanha, por sua vez, essa mesma exigência se sobrepôs a todos os aspectos da cultura (na filosofia, na ciência, na arte, na poesia etc.) (BORNHEIM, 1993). Dessa maneira, em *solo* germânico, todo conhecimento deveria ser explicado a partir de um princípio básico, pois toda cultura existe a partir de uma raiz fundamental (BORNHEIM, 1993).

Essa é, então, a tarefa da filosofia pós-kantiana e de todo o pensamento filosófico da época. Desse cenário irrompe a filosofia do maior pensador romântico: Schelling. Isto explica e justifica, conforme Bornheim (1993), o respeito dos românticos pelo monismo de Spinoza e pela filosofia de Fichte. Portanto, o conflito entre a limitação do real e a infinidade do ideal se coloca como o ponto nevrálgico/constitutivo do pensamento romântico (BORNHEIM, 1993).

E é nesse contexto que o sentimento passa a ocupar um lugar privilegiado na postura romântica. A obsessão do romântico é sempre o absoluto, a totalidade. A razão quebra, pluraliza e individualiza a realidade, impedindo a unidade. É só nos lembrarmos do cartesianismo: o sentimento materializado na obra de arte unifica. Sendo assim:

Um dos principais motivos da crítica romântica à literatura clássica era a insuficiência em ascender o sentimento nostálgico e sublime da natureza e a diminuta potência em desvencilhar o espírito humano das efemeridades utilitaristas, ligadas ao cooperativismo industrial. Igualmente, a harmonia e a coesão dos sistemas matemáticos foram condenadas por conduzirem a uma representação cósmica homogênea e uniforme. Sob essa circunstância, a figura do gênio romântico entra em cena para contrapor-se ao feitio do cientista natural do século XVII (BERGAMO, 2017, p. 28).

Isso não significa que os românticos se limitam ao estudo da subjetividade; eles, na verdade, buscam o Todo; este que pode ser atingido através de dois caminhos básicos: a natureza e o Absoluto. Nesse sentido, Bauab (2001, p.64) elucida que:

O Romantismo Alemão, desta feita, acabou, ao privilegiar com esmero a natureza, por inserir em sua discussão uma visão histórica que se renova constantemente, que segue um ritmo retilíneo, aberto, sempre propenso à mudança, ao caráter renovador (BAUAB, 2001, p. 64).

Essa perspectiva mostra-se influenciada por Herder, como destacamos anteriormente, em que a Natureza passa a ter um perfil evolutivo dentro da história. A Natureza passa a ser considerada um organismo vivo e busca-se uma reaproximação entre Homem e Natureza através da interioridade humana, da contemplação, algo que jamais seria aceito pelos pressupostos teóricos da Ciência Moderna. Sendo assim:

A natureza, para os românticos, não é apenas o objeto que sofre o reflexo dos seus devaneios, mas uma morada onde habita a harmonia desejada; ela palpita uma vida que os atrai, guarda sensações não experimentadas pelo mundo da cultura, que lhe é avessa (ANDRADE, 2016, p. 41).

Desvendar os mistérios da Natureza e buscar a harmonia torna-se tarefa dos românticos. Entendê-la é alcançar o absoluto, a perfeição, e isso se dá sobretudo pela figura do poeta, figura importante no Romantismo. Como observamos a seguir:

A eterna busca pelos segredos da natureza, constitui o ideal romântico. Porém, a busca torna-se inesgotável devido à natureza infinita do universo. A cosmovisão romântica não é totalmente exprimível. Devido à interminável contingência do cosmo, o lado oculto e misterioso da natureza jamais pode ser apreendido. Para o homem, ele é incognoscível. A única maneira possível de expressar o inacessível é mediante as alegorias das representações artísticas (BERGAMO, 2017, p. 22).

A poesia seria a máxima expressão da interioridade humana. Como nos mostra Bauab (2001, p. 67).

Tal interioridade, melhor trazida à tona pelo poeta, não é vista enquanto oposição ao mundo externo, ao mundo da natureza e de suas leis, mas sim enquanto portadora de uma manifestação nesse externo – aqui, para o romântico, o mundo parece estar literalmente trancafiado em espelhos – que só é mais perceptível por quem consegue entrar em contato mais íntimo, divino com a gama de sentimentos que possuiu em seu interior.

A imagem do poeta, criativo, que está em contato com a Natureza, que a contempla, contrapõe-se à figura do sábio matemático cunhado pela Ciência Moderna. Sendo assim:

A ascendência do espírito ao absoluto, via contemplação estética da natureza e o caminho nostálgico para a interpretação do cosmos por meio da poesia lírica, da dramaturgia dos teatros, da melodia das canções e da admirável beleza das telas artísticas, seriam responsáveis por atribuir à natureza o caráter esotérico e misterioso perdido com o advento da Ciência Moderna e da filosofia do Iluminismo (BERGAMO, 2017, p.28).

Novalis (1772 – 1801), outro autor importante no contexto romântico, entendia a Natureza como uma árvore da qual somos flores. Bauab (2001) ressalta que essa árvore está em processo de crescimento e constantemente apresenta variância de seus frutos, sendo o homem apenas mais um entre eles, sendo este diferenciado, tendo Goethe considerado o mais perfeito arquétipo da Natureza e o mais próximo da divindade, representando na sua maneira micro toda a vastidão do universo.

Dentro dessa perspectiva holística da relação Homem-Natureza está a busca pela unidade que, como destacamos anteriormente, é o que motiva os românticos a iniciarem seus estudos e a construção dessa visão de mundo. A concepção de Natureza dentro do Romantismo inevitavelmente terá características de unidade, de reconhecer o Homem enquanto Natureza e usar dos atributos da subjetividade na sua compreensão. Sendo assim:

Há por de trás um traço unitário oriundo de um crer que todos os seres, tudo aquilo que está inserido na Natureza deriva de um ponto comum, possuem um tronco comum que apenas se complexificou, se ramificou, dando origem para a diferença que não faz perecer o ponto comum de propulsão da vida (BAUAB, 2001, p.66).

Goethe tem em sua visão de Natureza orgânica a ideia de um profenômeno, aquele que propaga a vida e se faz presente tanto no mundo vegetal, animal e dos Homens também. Haveria um único princípio (BAUAB, 2001). Há também, no Romantismo, uma tentativa de reaproximação do divino com a Natureza, algo que se

perderá com a dessacralização que os ideais modernos consolidaram. Isso acarretará numa visão panteísta de universo, que como veremos a seguir:

[...] foi típica do Romantismo Germânico e que buscou inspiração em Spinoza. Há neste traço do Romantismo, uma fusão de Deus e Natureza e que no citado Goethe se faz mais presente em sua visão de mundo oriunda de sua juventude. E a unidade das coisas da Natureza é dada porque emanam elas de uma força incessantemente transformadora dada por Deus que por englobar a tudo e a todos é visto enquanto sinônimo de Absoluto (BAUAB, 2001, p. 69).

Contudo, aqui não temos mais a imagem do Deus-ente, mas Deus enquanto a própria Natureza, propulsora da vida e que:

[...] atua conjuntamente no universo mediante leis iguais, racionalmente compreensíveis, válidas tanto para o macrocosmos como para o microcosmos. A natureza, fruto do debruçar analítico dos cientistas, é uma ínfima porção desta força, vista por Schelling enquanto espírito invisível tornado visível pelas formas perceptíveis que cria na Natureza. Um espírito universal e que transcende a mera vivência humana e que nos impede de ver toda esta profusão criativa inerente ao mundo e que se faz presente tanto na diminuta vida de um formigueiro quanto nos grandes eventos cósmicos como, por exemplo, a formação de uma estrela (BAUAB, 2001, p. 69).

Aqui percebemos como a ideia de unidade faz-se se importante para compreendermos a Natureza pela ótica romântica, envolta num processo evolutivo no qual fazemos parte, juntamente com o menor até o maior dos animais, a vida é uma só.

Por fim, Bauab (2001) ainda destaca outra característica importante do Romantismo: a busca pelo refúgio na Natureza, lugares longínquos, belos e ainda desconhecidos. Ocorre, pois, um sentimento que leva à fuga do meio onde viviam os românticos, a fim de encontrar um repouso e a simplicidade da vida, algo que parecia cada vez mais distante com a ascensão burguesa e de um novo modo de produção.

Nesse sentido, quem mais se destaca é Rousseau, que insatisfeito com os rumos que a sociedade de seu contexto estava tomando, cada vez mais vinculados ao ideário burguês, buscava refúgio nos campos assim como *Werther* (BAUAB, 2001), como veremos no terceiro capítulo. O tema da natureza ocupa um lugar privilegiado na obra de Rousseau. Em seu pensamento, a natureza está ligada à ideia de interioridade. Interioridade que, para ele, é sinônimo de sentimento. E esse sentimento interior (superior à Razão) ele denomina de natureza (BORNHEIM, 1993). Uma natureza que se opõe àquela vista a partir dos *olhos* da ciência (que a concebe como algo exterior, objetivo, matematizado, racional). Assim:

[...] o caminho para incorporação da alma humana junto ao universo natural deveria ser conduzido pelo sentimentalismo procedente da contemplação estética dos fenômenos da natureza. O deleite pela admiração estética da natureza, pela admiração desvencilhada de preceitos utilitaristas vinculados ao corporativismo industrial, seria fonte de inspiração para todos os tipos de artistas plásticos expressarem, mediante representações artísticas, seja pela poesia, pelo desenho ou pelo teatro, o sentimentalismo nostálgico e encantador pela natureza (BERGAMO, 2017, p. 31).

Segundo Rousseau, a natureza deve ser compreendida a partir da interioridade. E essa interiorização da natureza permite um mergulho na própria interioridade humana, um alargamento da humanidade do homem (BORNHEIM, 1993). Ou seja:

O sentimento passa a ser considerado o fator básico na vida individual, pois só nele se traduz a autêntica interioridade do homem. [...] Só através dos sentimentos é que as idéias e o mundo racional podem adquirir sentido, podem de fato ser apreciados, porque o sentimento é a medida da interioridade do homem. No sentir, no viver-se, o homem é de fato ele mesmo desde as suas raízes, espontânea e livremente (BORNHEIM, 1993, p. 80).

Rousseau buscava a simplicidade e a calma para conter suas angústias, e somente esse retorno à Natureza seria capaz de fazê-lo. Pensava que o homem primitivo era mais feliz, pois tinha apenas suas necessidades inatas enquanto espécie. A vida organizada criada pela civilização criou necessidades artificiais e exigências morais que dependiam e aproximaram-se muito mais da razão do que dos sentimentos (BAUAB, 2001).

Buscamos compreender nesses dois primeiros capítulos da dissertação as mudanças ocorridas na visão, sobretudo de Natureza, da Ciência Moderna até o Romantismo Alemão. Vimos que esse último é resultado do *Sturm Und Drang*, que nasceu como negação para os ideais matemáticos, fragmentários e racionalistas da modernidade, buscando trazer para o debate a valorização dos elementos da subjetividade humana, das artes, da contemplação estética no estudo da Natureza. Por fim:

Para Goethe, o cientista não poderia chegar às verdades mais profundas da Natureza separando-se dela e empregando abstrações frias para compreendê-la, registrando o mundo exterior como uma máquina. Esse tipo de abordagem fazia com que a realidade observada fosse uma ilusão parcial, um quadro cuja profundidade foi eliminada por um filtro inconsciente. Somente levando a observação e a intuição criativa a uma interação estreita, o Homem conseguiria penetrar nos mistérios da Natureza e descobrir sua essência. [...] Somente assim o universal poderia ser identificado no particular e novamente unido a ele (TARNAS, 2003, p.405).

É essa concepção de Natureza que vamos buscar elucidar e interpretar no próximo capítulo, através da análise da obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, que

estava envolta no *Sturm Und Drang*, apresentando fortemente essa concepção de Natureza enquanto refúgio para o ser humano, um olhar para si mesmo.

CAPÍTULO 3

A CONCEPÇÃO DE NATUREZA EM “OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER”

Ao longo de nossa pesquisa, buscamos mostrar como a concepção de Natureza foi sendo tratada, sobretudo, durante o período em que a Ciência Moderna estabeleceu seus ideais e como os autores pré-românticos e românticos criam toda uma nova filosofia e visão de mundo, buscando superar e questionar a visão de Natureza vista a partir de uma ótica mecanicista, matematizada e utilitarista, que estabelece-se a partir do século XVI.

Procurando elucidar como essa visão de Natureza pré-romântica e romântica foi importante para aquele contexto, vamos nos pautar em uma das principais obras de Goethe e do movimento *Sturm Und Drang*, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, obra que imprime fortemente a visão de Natureza do autor, que se contrapunha à visão estabelecida pelos ideais científicos modernos. Para isso, buscaremos usar trechos da referida obra, na qual Goethe deixa claro sua concepção de Natureza.

Para estruturar o capítulo, iremos dividi-lo em duas partes, tal como a obra que será analisada. Na primeira parte da narrativa temos nosso personagem envolto na Natureza a contemplando, sentindo sua vivacidade, uma Natureza que lhe traz alegria. Na segunda parte e final da obra, essa mesma Natureza se transforma em algo sem vida e sem a alegria de outrora.

Lançada em 1774, a obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther* ajudou a consolidar o nome de Goethe perante a Europa, pois com seu enorme sucesso exerceu grande influência à época. A obra reflete muito do que Goethe estava vivendo na época. Envolto no surgimento do movimento *Sturm Und Drang*, ele nos apresenta uma nova interpretação da Natureza, que contrastava fortemente com os ideais estabelecidos à época.

Cabe salientar que, além da influência no campo literário e filosófico, a obra impactou diretamente na vida de milhares de pessoas, sendo inspiração para uma onda de suicídios de jovens desiludidos na Alemanha, como observamos a seguir:

Não há nenhuma maneira pela qual Werther pode evitar o suicídio, não há nenhuma maneira de Werther, estando apaixonado por uma mulher casada, e o voto de casamento sendo o que é, e tanto ele como a dama acreditando que o voto é o que é – não há nenhuma maneira de resolver o problema. Se o amor de um homem e o amor de outro homem entram em colisão, aí temos um negócio sem esperança e sem chances, que deve necessariamente

terminal mal. Essa é a moral de Werther, e é por isso que diziam que jovens de toda a Alemanha cometiam suicídio em razão dessa obra – não porque o século XVIII ou em sua própria sociedade não houvesse nenhuma solução satisfatória, mas porque eles se desesperavam do mundo e o julgavam um lugar irracional, onde uma solução era, em princípio, inconcebível (BERLIN, 2015, p. 95)

Além disso, muito do que o personagem central da obra vive é, de certa forma, Goethe inspirando-se em si mesmo, como no fato de sua grande paixão naquele momento ser uma mulher já comprometida. Como percebemos a seguir:

A renúncia à mulher amada e o amor por mulheres comprometidas ou impossíveis tem para Goethe consequências graves e nada tem de promiscuidade ou leviandade. Ao contrário, carregam-lhe em diversos momentos de sua vida intensos sofrimentos (MONTEZ, 2010, p.10).

Assim como Werther sofre na obra, Goethe sofria por seu amor não correspondido na vida real, sendo grande fonte de inspiração para o romance que produziu. A trama do romance é construída a partir de epístolas, nas quais Werther, o personagem central, comunica-se com seu amigo Wilhelm. Nessas cartas, Werther relata sua partida ao interior alemão em busca de uma nova vida.

Nessa nova vida, Werther encontra num primeiro momento o bem-estar que estava procurando, sobretudo, devido ao contato com a Natureza. Após esse início na sua nova vida, nosso personagem conhece Carlota, mulher por quem se apaixona e constrói fortes sentimentos, porém, ela já estava prometida a um funcionário do governo, Alberto, com quem Werther também constrói uma amizade.

Esses aspectos da paixão de Werther por Carlota nos guia durante a obra, juntamente com os relatos das paisagens do nosso personagem, em que começamos a perceber a influência que Goethe traz para a concepção de Natureza, de um olhar mais íntimo e subjetivo para o mundo que cercava Werther. Cruza-se neste momento a interpretação que Werther tem sobre a Natureza com seus sentimentos, sobretudo, do amor não correspondido. Com o decorrer da história, Werther começa a ter dificuldades em lidar com os sentimentos em relação a Carlota, o que acarreta em uma série de crises e surtos que o levarão ao suicídio no fim da obra.

3.1 A NATUREZA QUE DESPERTA A VIVACIDADE

Buscaremos nesse item acompanhar a jornada do personagem principal e como os conflitos com seus sentimentos vão moldando a maneira como enxerga a Natureza. Perceberemos, ao longo da discussão, como uma Natureza antes bela e cheia de vida passa a ser pavorosa, morta, em decorrência dos sentimentos que o atormentam. Logo na primeira carta da obra, datada de 4 de maio, temos um exemplo de como o refúgio na Natureza agrada de início Werther, sendo que ele destaca as belezas Naturais, suas formas e seus aromas.

[...] sinto-me aqui perfeitamente bem. A solidão, neste verdadeiro paraíso, é um bálsamo para o meu coração sempre fremente, que transborda ao calor exuberante da primavera. Cada árvore, cada sebe forma um tufo de flores, e a gente tem vontade de transformar-se em abelha para flutuar neste oceano de perfumes e deles fazer o único alimento. A vila, em si mesma, é pouco agradável, mas em compensação os arredores oferecem belezas naturais indescritíveis (GOETHE, 1971, p. 14).

Goethe, já no início da obra, começa a evidenciar aspectos de sua concepção de Natureza. Nessa primeira passagem percebemos elementos que não encontraríamos em nenhum autor da Ciência Moderna, a valorização de aspectos subjetivos e o prazer em estar em contato com a Natureza contrapõem-se àquela Natureza mecanizada e vista apenas como objeto.

Outro aspecto importante é a ideia de “tornar-se” Natureza, como relata Werther em seu encantamento com os perfumes das flores, considerando-se parte da Natureza, buscando superar a visão de sujeito/objeto separados ao longo da consolidação da modernidade, a partir do século XVI. Todo o sentimento que marca Werther encontra na Natureza seu respaldo, ela o corresponde e nesse primeiro momento enche nosso personagem de vida. A Natureza tem em Werther uma aproximação com o divino, quando relata sentir-se pleno em contato com ela. Essa sensação de plenitude fica evidente na carta datada de 10 de maio, em que Werther diz:

Minha alma inunda-se de uma serenidade maravilhosa, harmonizando-se com a das doces manhãs primaveris que procuro fruir com todas as minhas forças. Estou só e abandono-me à alegria de viver nesta região criada para as almas iguais à minha. Sou tão feliz, meu amigo [...] (GOETHE, 1971, p. 14-15).

Neste trecho, Goethe nos apresenta a ideia de harmonia entre nossa interioridade e o mundo externo. Werther, no contato com Natureza, encontra sua felicidade longe das cidades e da sociedade, no que ele destaca ser um lugar para almas como a dele. Um lugar onde seria possível o Homem reconectar-se e reconhecer-se enquanto Natureza. Sendo assim:

A felicidade de Werther anuncia sua positiva conexão com a paisagem enquanto mediação estética da natureza [...] Essa sensação de plenitude manifesta a paisagem como representação de um sujeito pacificado imerso numa natureza análoga (ARRAES, 2018, p.7).

Como podemos perceber nesses primeiros relatos de Werther, Goethe, faz uso de uma linguagem poética e bela na apresentação de seus cenários. Essa é outra forte característica que os românticos usam na construção de sua concepção de Natureza. Uma Natureza poética, vista a partir da ótica da beleza, sua apresentação ganha belos versos, numa tentativa de confrontá-la com a Natureza descrita em linguagem matemática e racional. Aqui ela é poesia e sentimentos.

A subjetividade em Goethe ganha papel essencial na análise da Natureza, que, como vimos no primeiro capítulo, devido à divisão da matéria em qualidades primárias e secundárias, apenas elementos objetivos deveriam ser levados em conta no estudo da matéria, não tendo a subjetividade espaço nas interpretações a respeito da Natureza. Vale destacar que a subjetividade não significa um simples olhar para os sentimentos, como atesta Werle (2017), seria a afinidade máxima entre o “eu” conectado com a Natureza.

Isso nos remete à ideia de uma subjetividade que, ao mesmo tempo em que se volta a si mesma, penetra na amplitude do mundo, na natureza [...] a ideia de subjetividade não significa um recuo meramente interior para a formalidade dos sentimentos, mas a expressão de uma penetração no todo da natureza. Quanto maior essa expansão, esse estar dentro no exterior, mais interior o sujeito se torna, mais amplo se torna a sua interioridade e vice-versa. A interioridade ou intimidade subjetiva que se apresenta no movimento Sturm und Drang não deve de modo algum ser confundida com a ênfase num racionalismo abstrato ou “cartesiano” determinado por um entendimento recolhido apenas em si mesmo. Pelo contrário, trata-se antes de uma reação a essa concepção de razão, tida por “superficial” e pouco profunda (WERLE, 2017, p. 43).

Essa sintonia inicial de Werther com a Natureza associa-se também com sua estima pelo povo local. Na carta datada de 15 de maio, Werther escreve sobre como as pessoas humildes do lugar onde residia já o conheciam e o admiravam. Também

faz algumas críticas à elite, sobretudo à maneira como estes tratam as pessoas de menor condição social, como no exemplo a seguir:

As pessoas de condição elevada mantem habitualmente uma fria reserva para com a gente comum, só pelo temor de diminuir-se com essa aproximação.[...] Bem sei que não somos, nem podemos ser todos iguais; sustento, porém, que aquele que julga necessário, para se fazer respeitar, distanciar-se do que nós chamamos povo é tão digno de lástima como o covarde que se esconde a aproximação do inimigo, de medo de ser vencido (GOETHE, 1971, p. 16-17).

Avançando no romance, Werther nos mostra na carta de 22 de maio, como a relação entre o sujeito olhar para sua interioridade, encontrar nele a Natureza e reconhecer-se nela, é um sentimento puramente romântico. “Concentro-me e encontro um mundo em mim mesmo. [...] Tudo flutua vagamente nos meus sentidos, e assim, sorrindo e sonhando, prossigo na minha viagem através do mundo. ” (GOETHE, 1971, p. 19).

Werther escreve a seu leitor no dia 26 de maio sobre a facilidade que ele tem em levar uma vida modesta, apenas encontrando algum lugar que se sintam bem. Relata ter encontrado uma aldeia chamada Wahlheim, que se situava numa colina onde há um albergue e nosso personagem passa a frequentar. Em suas próprias palavras: “Raramente tenho encontrado um recanto onde me sentisse tão bem. Mandei que do albergue me transportassem para o local uma cadeira e uma mesa, e ali tomo café lendo o meu Homero.” (GOETHE, 1971, p 21).

Na mesma carta, temos outras evidências de como Werther nesse momento de sua vida tinha certo desdém por temas que não estivessem ligados à Natureza e à arte, como observa o autor a seguir:

Curiosamente, por todo o livro Goethe não indica os aspectos urbanos das povoações visitadas por Werther, tais como ruas, avenidas, zonas comerciais e espaços devotados à política; ao invés, os fenômenos e os elementos naturais participam de maneira ativa da narrativa e do desenrolar das ações da primeira parte do romance. [...] A negação ao urbano supõe a rejeição de Werther aos hábitos burgueses e às atividades econômicas que lhes eram correlatas. (ARRAES, 2018, p. 8)

Na mesma carta, Werther diz elaborar um desenho daquela paisagem que ele contempla, reafirmando assim seu afastamento dos assuntos da sociedade em detrimento à Natureza, afirmando também que somente ela poderia formar grandes artistas. Como Werle (2017) atesta:

Na verdade, todos esses elementos: a sintonia com a natureza, a descoberta da subjetividade, o ideal do povo [...] em oposição ao mundo estreito e abstrato dos livros e da mera teoria, significa, no horizonte estético do século XVIII, a proposta de Goethe para a estética, no sentido de uma ampliação do horizonte da arte, ou seja, da sensibilidade e da imaginação (WERLE, 2017, p. 43).

Temos aqui um ponto evidentemente pré-romântico de Goethe, em que defende a aproximação com a Natureza para a formação artística, alegando que toda regra irá corroer o sentimento da Natureza. Goethe realça assim a ideia de unidade que temos nos movimentos *sturm und drang* e do próprio Romantismo, confrontada com o ideal de divisão e fragmentação da ciência moderna. Nas palavras de Werther:

Notei, ao cabo de uma hora, que feito um desenho muito interessante, sem acrescentar-lhe coisa alguma por mim imaginada. Isto fortaleceu-me a convicção de cingir-me, daqui por diante, unicamente à natureza. Só ela é infinitamente rica e só ela é capaz de formar os grandes artistas. Há muito que dizer a favor das regras de arte, como a favor das leis da sociedade. Quem se forma segundo essas regras não produzirá nunca uma obra absurda, nem completamente ruim; da mesma sorte, um homem educado segundo as leis e o decoro jamais poderá ser um vizinho intolerável, nem um insigne bandido. Não obstante, diga-se o que se disser, toda regra destrói o verdadeiro sentimento e a verdadeira expressão da natureza (GOETHE, 1971, p. 21-22).

Ainda sobre disposição de Werther em relação à Natureza, observamos que:

[...] o retorno ao campo como ideal de vida, a sintonia com a natureza envolvente e a subjetividade representam a proposta de Goethe para uma estética centrada na sensibilidade e na imaginação. Além disso, o paraíso envolvia o protagonista. Ao perceber o belo natural como continuidade do ânimo, Werther participa da paisagem, não simplesmente como espectador, mas como estando nela (ARRAES, 2018, p. 8).

O fato de Werther “participar” da paisagem é evidentemente um argumento goethiano que busca contrapor àquela visão edificada na Ciência Moderna de que o sujeito não seria parte da Natureza, afastando-se dela, enxergando apenas como uma máquina, que devemos entendê-la e dominá-la. Aqui, Werther é Natureza, vista dentro de uma ótica romântica, buscando, sobretudo, a ideia de unidade. Como observa Andrade (2016):

A felicidade sentida pelo protagonista equivale, no seu próprio dizer, ao sentimento da natureza em sua perfeição. A natureza palpita dentro dele, fazendo-o sentir-se uno com ela; a vida é uma sucessão de prazeres íntimos, é um encantamento tal que nem sequer consegue expressar, pois faltam-lhe palavras que sejam portadoras de tamanha alegria de viver (ANDRADE, 2016, p. 44).

Werther, nas cartas seguintes, segue relatando alguns fatos que observara pela vila e na aldeia de Wahlheim, até chegarmos na data de 16 de junho. Werther estava há 16 dias sem escrever para seu confidente, e ele inicia a carta justificando tal demora para uma nova carta. Nela, temos pela primeira vez citação à Carlota, a grande paixão de Werther na obra, que por consequência será um dos motivos que levará nosso personagem a mudar sua visão a respeito da Natureza que o rodeava, em decorrência do amor não correspondido. Goethe faz uso dos mais belos adjetivos para expressar nas palavras de Werther as emoções que o personagem sentiu ao conhecer Carlota.

É um anjo! [...] Já sei que todos dizem isso da sua amada, não é verdade? Entretanto, é-me impossível dizer a você o quanto ela é perfeita, nem por que é tão perfeita. Só isto basta: ela tomou conta de todo o meu ser. Tanta naturalidade aliada a tão alto espírito de justiça! Tanta bondade aliada a tamanha firmeza! Uma alma tão serena e tão cheia de vida e energia! (GOETHE, 1971, p. 27).

Na sequência da carta, Werther narra como conheceu Carlota. Relata ter sido em um baile no campo organizado pelos jovens locais. Werther vai ao baile como cavalheiro de uma prima de Carlota e por meio dessa, acabam se conhecendo. Nosso personagem se vê encantado com sua amada logo no primeiro contato.

Cumprimentei-a timidamente; minha alma estava inteiramente presa do encanto do seu rosto, da sua voz, das suas maneiras. Tive apenas tempo de recobrar-me da surpresa, enquanto corria para ir buscar as luvas e o leque (GOETHE, 1971, p. 29).

Werle (2017) destaca que Carlota representava para Werther tudo aquilo que ele admirava. Segundo o autor:

[...] ela representa todo esse mundo apreciado por Werther, ficando evidente que Werther não tinha nenhuma condição de não sucumbir ao seu encanto, isto é, de resistir a ela: ela é uma pessoa simples, dedicada aos seus vários irmãos, possui aversão a certos livros, cultiva os hábitos simples, o estilo de vida doméstica e tem uma preferência pela dança à alemã, além de uma sensibilidade pela natureza (WERLE, 2017, p. 44).

Nesta mesma carta (uma das mais longas da obra por sinal) já aparecem elementos de que Werther terá empecilhos na busca por uma relação com Carlota, já sendo informado por ela que está noiva de Alberto, além do fato de ter que cuidar dos seus irmãos, “o que indica que o senso prático pela vida irá predominar no futuro, em

sua escolha do pretendente Alberto, o qual lhe permitirá uma maior segurança na vida” (WERLE, 2017, p. 44).

Werther segue narrando nas cartas seguintes com empolgação sobre Carlota, chegando a parecer “desnortado” devido à sua paixão, como vemos a seguir, num momento em que nosso personagem volta à casa de Carlota para visita-la:

[...] Ela consentiu e eu voltei lá. A partir desse momento, o sol, a lua e as estrelas podem continuar a brilhar, sem que eu de por isso. Não sei mais se faz dia ou noite; o universo inteiro não mais existe para mim (GOETHE, 1971, p. 36).

Nesse momento do romance, nosso personagem está imerso na felicidade, chegando a dizer na carta de 21 de junho “Meus dias de felicidade são como os que Deus reservava aos seus santos” (GOETHE, 1971, p.36), Werther também se fixa em Wahlheim, próximo à casa de Carlota, no que ele diz:

[...] desfrutando, no mais íntimo de mim mesmo, toda a ventura que é dado ao homem desfrutar. Escolhendo Wahlheim como termo das minhas caminhadas, quão longe estava eu de acreditar que estivesse tão próximo do céu! Quantas vezes, ao levar um pouco além as minhas excursões, divisei, não só do cimo da montanha como da planície que se estende para lá do rio, aquele pavilhão de caça onde neste momento se concentram todos os meus votos! (GOETHE, 1971, p. 36-37).

Observamos aqui um Werther radiante diante da Natureza que o encanta em suas caminhadas e reflexões, novamente, numa clara tentativa de Goethe em expor a concepção de Natureza que buscasse considerar o Homem como parte de um todo. As caminhadas e a vivência têm papel fundamental nesse processo de reconexão em busca da unidade. Werther relata sentir-se estranhamente atraído por um vasto vale, o qual estava observando.

Ah! se eu pudesse mergulhar nas sombras daquele pequeno bosque, lá longe!. Ah! se eu pudesse galgar o pico daquela montanha distante e de lá abarcar a região inteira! Não poder errar por aquelas colinas que se ligam umas às outras, e pelos vales cheios de sombra pensativa!" E percorria-os, regressando sem haver encontrado aquilo que esperava (GOETHE, 1971, p. 37)

Findando a carta do dia 21 de junho, Werther encerra o relato de seus passeios falando sobre o prazer de realizar e estar envolto a atividades simples da vida. Em suas palavras:

Ao romper da alva, eis-me na minha Wahlheim; eu mesmo faço a colheita de ervilhas na horta do albergue e sento-me para debulhá-las, enquanto leio o meu Homero. Depois, vou escolher uma panela na pequena cozinha, deito-lhe a manteiga, ponho dentro as ervilhas e fico a remexe-las de *vez em quando. Assim, represento-me bem ao vivo o modo como os ousados pretendentes de Penélope matavam, reduziam apostas e assavam, Eles próprios, os bois e os porcos. Nada desperta em mim uma tão tranquila e sincera emoção como esses vestígios da vida patriarcal que, sem pedantismo, graças a Deus, consigo misturar à minha existência rotineira (GOETHE, 1971, p. 38).

A simplicidade das ações que proporcionam essa felicidade ao nosso personagem é justamente o que ele buscava no início da obra, um refúgio na calma, longe de problemas burocráticos, Werther buscava a leveza que a Natureza poderia lhe proporcionar. Werther, com o passar dos dias, se vê mais apaixonado por Carlota conforme aumenta sua proximidade com ela, através de conversas e caminhadas na Natureza. Na carta datada de 13 de julho, Werther supõe que está sendo amado também por Carlota, quer acreditar que ela corresponde a sua paixão, porém, não esconde a insegurança causada por Alberto. Como vemos a seguir:

Ela me ama! E quanto eu me valorizo a meus próprios olhos, quanto... eu posso dizer isto a você, que saberá compreender-me... quanto eu me adoro a mim mesmo, depois que ela me ama! Será presunção? Será o sentimento do meu verdadeiro estado?... Não conheço homem nenhum de quem possa temer qualquer interferência capaz de diminuir-me no coração de Carlota. E, no entanto, quando ela, com tanto calor e afeto, fala do seu noivo...é como se eu fosse um homem despojado de todas as honrarias e dignidades, e ao qual arrebatassem a própria espada (GOETHE, 1971, p. 48-49).

Até esse momento da obra, a temática do amor de Werther pela Natureza num primeiro momento e, posteriormente, por Carlota, é o fio condutor do romance. A partir disso, Werther começara a ter alguns conflitos, tanto com as pessoas que rodeiam seu cotidiano quanto consigo mesmo. Temos um exemplo na carta do dia 20 de julho, quando a mãe de Werther o sugere voltar a trabalhar no mundo “burocrático”, longe daquilo que nosso personagem estava vivendo no momento.

Não me conciliei ainda com a ideia de acompanhar o embaixador... Jamais pude gostar da subordinação; [...] Tudo neste mundo leva às mesmas mesquinhas; e aquele que, para agradar aos outros, e não por paixão ou necessidade pessoal, se esgota no trabalho para ganhar dinheiro, honrarias, ou o que quer que seja, aquele que agir desse modo, digam o que disserem: um louco (GOETHE, 1971, p. 51).

Goethe expressa uma rebeldia tipicamente pré-romântica, ao deixar claro suas inadequações às normas do convívio social estabelecidos nesse contexto, como vimos

no capítulo anterior. Goethe, no trecho anterior, manifesta, através de Werther, uma crítica ao mundo burocrático, do afastamento com a Natureza. Nosso personagem, nesse ponto de sua vida, já não tinha mais ambições dentro desse sistema, preferia viver no seu “refúgio”. Um exemplo disso aparece na carta de 24 de julho, com Werther afirmando nunca ter estado tão feliz quanto naqueles dias. “Jamais fui tão feliz, nunca o sentimento da natureza, estendendo-se de uma pequena pedra à ervilha mais ínfima, foi em mim tão completo e tão profundo [...]” (GOETHE, 1971, p. 51).

Na carta de 30 de julho, Goethe, pela primeira vez nessa primeira parte da obra, dedica algumas linhas para nos falar sobre Alberto, personagem importante dentro da construção da trajetória de Werther. Nosso personagem mostra respeito pelo companheiro de Carlota, apesar de destacar o contraste que há entre ambos, ainda na referida carta: “Sua calma exterior contrasta vivamente com o meu caráter inquieto, que não posso ocultar” (GOETHE, 1971, p. 53). Werle (2017) destaca que esse ideal de Alberto é a maior oposição a Werther, pelo que cada ideal de vida representa.

Assim como Goethe dedicou uma das cartas mais longas para relatar sobre Carlota, escreveu generosas linhas na carta de 12 de agosto para relatar ao seu leitor uma conversa que teve com Alberto. Vale destacar um trecho, em que Werther está relatando sobre uma mulher que cometera suicídio, e, é interessante perceber que isso é mostrado com certa conotação à doença.

Veja, Alberto, é a história de muita gente! E, diga-me, não é o mesmo que acontece numa doença? A natureza, não encontrando saída no labirinto onde as forças lutam e se debatem confusamente, caminha para a morte inevitável (GOETHE, 1971, p. 62-63).

Dentro da cronologia da obra, as cartas do mês de agosto de 1771 nos revelam um princípio da mudança da relação de Werther com a Natureza, uma transição daquele contaminado pela felicidade para uma decadência do personagem com seus próprios sentimentos, o que acabará por transformar a Natureza que antes era um alívio, em seu peso. Percebemos isso especialmente nas cartas de 18 e 21 de agosto – nas quais Werther começa a temer pelo futuro que o aguarda – e de 22 de agosto – parecendo estar perdido consigo mesmo. Vejamos:

Por que é que aquilo que faz a felicidade do homem acaba sendo, igualmente, a fonte de suas desgraças? O intenso sentimento do meu coração pela natureza em seu esplendor, sentimento que tanto me deliciava, transformando em paraíso o mundo que me cerca, tornou-se para mim um

tormento intolerável, um fantasma que me tortura e persegue por toda parte (GOETHE, 1971, p. 64).

[...] Quando, ainda mal desperto, a procuro a meu lado, tateando, e, ao fazê-lo, arregalo completamente os olhos à realidade, uma torrente de lágrimas não pode mais ser contida pelo meu coração esmagado. Choro, contemplando cheio de amargura o sombrio futuro que me aguarda (GOETHE, 1971, p. 67).

Sou muitíssimo desgraçado, Wahlheim! Minhas faculdades perderam o equilíbrio, dando lugar a um misto de indolência e agitação. Não posso ficar desocupado e, no entanto, nada posso fazer. Não tenho mais imaginação, nem sentimento da natureza, e os livros só me inspiram tédio. Tudo nos falta quando estamos em falta conosco mesmos! (GOETHE, 1971, p. 67).

Goethe nos mostra nosso personagem em decadência, não aguentando mais não ter Carlota a seu lado e tudo o que antes lhe era belo, agora causa certa tormenta em sua mente. Como observa Arraes (2018):

A mudança de enfoque na narrativa das duas partes que estruturam o desenrolar das ações vividas por Werther pode, também, diferenciar o romance em dois panoramas: o primeiro – pitoresco – relativo à sua alegria de apreciar a natureza à maneira dos gregos, isto é, idílica e pastoral. Lembremos que o único livro que ele traz consigo é um Homero (carta de 13 de maio). O segundo, que podemos nomeá-lo de sublime, devota ao protagonista as incertezas, as angústias e o tédio à vida projetados numa paisagem “carrasca” (ARRAES, 2017, p. 9).

Mostrando, assim, como a Natureza vista a partir da ótica romântica, pode num único sujeito causar uma série de sensações e interpretações. A Natureza contemplada a partir da subjetividade tem em Werther uma dualidade, conforme nosso personagem se transforma ela muda juntamente. Como atesta Bergamo (2017):

Se a sagacidade da natureza depende do estado positivo das sensações, então romper com a imobilidade imposta pelo cálculo matemático e pela predicação racional das categorias da ordem do entendimento, torna-se o princípio propulsor da cosmovisão qualitativa do Pré-Romantismo Alemão. A natureza, para ser apreendida em sua plenitude, na infinitude de seus fenômenos e de seus estatutos ontológicos, tem de ser inesgotável diante do olhar contemplativo do gênio romântico (BERGAMO, 2017, p. 17-18).

Buscando fugir desses maus sentimentos que o afligem, Werther decide partir em 10 de setembro, na tentativa de esquecer Carlota e conseguir recuperar-se, aceita o emprego ao lado do embaixador, distanciando-se nesse momento da Natureza e voltando àquilo que ele buscou fugir inicialmente.

Nesta carta, que encerra a primeira parte da obra, Werther relata a Wilhelm o último encontro que teve com Carlota e Allberto. Nosso personagem, apesar de otimista em voltar a vê-la, está extremamente amargurado e triste por ter que deixar seu amor não correspondido, na tentativa de esquecê-la, decide voltar ao mundo do qual buscou fugir. Seus sentimentos confluem agora para a tristeza e a desilusão – o que antes era belo e cheio de vida, como observamos ao final da carta:

- Nós nos tornaremos a ver! - exclamei. - Nós temos de nos encontrar de novo; temos de nos reconhecer, sob qualquer forma! ... Eu parto, mas parto voluntariamente, e, no entanto, se fosse preciso dizer "Para sempre!", não poderia suportá-lo. Adeus, Carlota, adeus Alberto! Nós nos veremos ainda.

- Amanhã, penso eu - replicou ela com um tom jovial.

O que esse "Amanhã" me amargurou! Ah! Ela sequer o adivinhou, ao retirar a mão da minha... Eles seguiram pela -alameda; fiquei imóvel, vendo-os alongar-se a luz do luar. Então, atirando-me ao solo, esgotei as minhas lágrimas até que, de súbito, reerguendo-me precipitadamente, corri para a beira do terraço; dali, vi ainda o seu vestido branco brilhar à sombra das grandes tílias e atingir o portão do jardim. Estendi os braços e tudo desapareceu! (GOETHE, 1971, p. 74-75).

Nesse contexto, ao final da primeira parte da obra, começamos a perceber mudanças em Werther, aquilo que antes lhe era motivo de alegria agora nada mais representa do que as angústias de um amor não correspondido. Vamos agora à segunda parte da obra, em que essas mudanças e o declínio de nosso personagem ficarão cada vez mais explícitos.

3.2 A NATUREZA SOB UM OLHAR MELANCÓLICO

Iniciando a segunda parte da obra, Werther volta a comunicar-se com seu leitor apenas no mês seguinte, a última carta, em 20 de outubro de 1771, na qual relata sobre o trabalho junto ao embaixador. Nosso personagem nos dá novamente um exemplo de como essa vida envolta na burocracia, não lhe pertencia, quando este escreve: “Paciência, paciência! Tudo isso há de passar, porque reconheço, meu amigo, que você tem razão. Depois que me vejo diariamente metido com estes sujeitos, e noto o que Eles fazem e como fazem, vivo mais satisfeito comigo mesmo (GOETHE, 1971, p. 79)”.

Werle (2017) atesta que nesse momento “Vemos acentuar-se o aspecto da impossibilidade de reconciliação entre o indivíduo (sentimental) e a sociedade (que

segue normas e preceitos), isto é, entre o indivíduo e as relações objetivas do mundo. ” (WERLE, 2017, p. 45-46)

Nas primeiras cartas da segunda parte, Werther segue narrando sua estadia ao lado do embaixador, lamentando a vida que está levando em decorrência de seu sofrimento, pois se vê num mundo no qual não o pertence, desde a maneira de agir a ver o mundo, nada daquilo lhe é seu. Podemos observar esses exemplos em trechos das cartas de 24 de dezembro: “A culpa é de todos vocês, que, por meio de belas palavras, me fizeram aceitar este jugo, pregando-me constantemente a necessidade de uma vida ativa! Vida ativa!... ” (GOETHE, 1971, P. 82) e 8 de janeiro de 1772:

Que gente esta, cuja alma está inteiramente amarrada à etiqueta, aplicando, durante anos, todos os seus pensamentos e esforços a manter-se rigidamente à mesa! E não fazem isso porque nada mais tenham em que ocupar-se; ao contrário, o trabalho acumula-se precisamente porque um mundo de dificuldadezinhas impede a marcha dos negócios sérios (GOETHE, 1971, p. 84).

Werther tem com o passar do tempo, cada vez mais desgosto pelo trabalho e pela sociedade que o rodeia, se vê perdido em seus próprios sentimentos, até o agravamento da situação com o embaixador, devido à maneira como cada um via o mundo e a maneira de executar suas tarefas, como deixa claro no início da carta de 17 de fevereiro, apresentando aspectos da rebeldia característica dos pré-românticos:

Temo que nós, eu e o embaixador, não possamos trabalhar juntos por muito tempo. Este homem é absolutamente insuportável. Seu modo de trabalhar e de conduzir os negócios é de tal modo ridículo, que me vejo forçado a contraditá-lo e, quase sempre, a fazer as coisas a meu jeito. Isto, naturalmente, não pode satisfazê-lo (GOETHE, 1971, p. 87).

A situação de Werther segue tensa, até chegar ao limite de ter que retirar-se de um jantar na casa do Conde, no qual este reuniu as pessoas da nobreza local, pois, nosso personagem não teria “classe” suficiente para acompanhar tais pessoas. Goethe mais uma vez nos mostra a dificuldade de Werther em aceitar e se encaixar dentro da sociedade da época.

Werther anuncia na carta de 24 de março que pediu demissão de seu trabalho ao lado do embaixador, pois, não tolera mais essa vida que está levando. Aquilo que era para ser uma maneira de superar seus sentimentos por Carlota acabou por se tornar um enorme fardo. Percebeu que seu lugar não é envolto dessa vida.

Anuncia ao seu confidente que partirá para encontrar o “Príncipe de ***”, amigo seu que o convidará para passar a primavera em sua residência. Quase um mês depois, dentro do romance, Werther volta a comunicar-se com Wilhelm e informa, na carta de 5 de maio, que irá visitar sua vila natal, devido à proximidade com o local onde estava.

Werther narra, na carta de 9 de maio, sua ida ao local de nascimento e é interessante perceber como Goethe nos apresenta uma série de elementos do Romantismo relatados na fala de nosso personagem. Assim, ele tem uma sensação de nostalgia e memórias muito vividas ao passar por lugares que conviveu enquanto crescia, por exemplo:

Realizei minha peregrinação ao lugar onde nasci com a devoção de um verdadeiro peregrino e vi-me presa de mil sentimentos inesperados. Ao chegar à grande tília que se ergue a um quarto de légua da vila, na Estrada de S. . ., mandei parar o carro, desci e disse ao postilhão que continuasse a viagem. Segui a pé a fim de saborear cada impressão, renovar cada lembrança, deixando-me guiar pelo coração. [...] Não dou um passo sem encontrar qualquer coisa que me chame a atenção. A um peregrino, na Terra Santa, não se lhe deparam tantos lugares sagrados pelas piedosas lembranças, e sua alma não se enche de tantas e tão santas emoções (GOETHE, 1971, p. 94-95).

Neto (2019) sugere que a ida de Werther a seu local de origem representa a vontade que o personagem tem de voltar a seu estado mais puro de Natureza, aquilo que “representa a inocência e a liberdade do indivíduo que ainda não foi corrompido pela sociedade” (NETO, 2019, p. 74).

Werther encerra essa carta relatando estar sendo muito bem tratado em sua estadia no castelo do príncipe, porém, vale ressaltar as linhas finais, em que Goethe novamente expõe a importância dos sentimentos e da interioridade para nosso personagem, em contrapartida de suas qualidades “técnicas”.

Quanto ao resto, Ele gosta mais da minha inteligência e dos meus talentos do que do meu coração, a única coisa, entretanto, de que sou cioso e que é a fonte da minha força, da minha felicidade e de todo o meu sofrimento. Ali! o que eu sei, todos podem saber; meu coração, porém, só eu, mais ninguém pode possuí-lo (GOETHE, 1971, p. 96-97).

Percebemos no relato de Werther sobre o príncipe admirar mais sua inteligência que seu coração, uma tentativa de Goethe para mostrar como aspectos ligados à racionalização do mundo tinham mais relevância frente a uma visão pautada

na subjetividade e nas emoções. Dentro da narrativa, Werther passa mais de um mês sem se comunicar com seu destinatário e, quando volta, temos um novo comportamento de nossa personagem: carregado pelo tédio e a falta de atividades no castelo. Começa a cogitar a possibilidade de ir novamente ao encontro de Carlota na carta de 18 de julho.

Nas cartas subsequentes, Werther segue numa reflexão imaginando como seria se ele fosse casado com Carlota, chegando a dizer que ele a faria mais feliz que Alberto, por este ser um homem de falta de sensibilidade, ao contrário de Werther, que preencheria o coração de sua amada. Em 21 de agosto, Werther confessa lutar contra um mau pensamento, relata vir à sua mente a possibilidade de Alberto morrer e assim o caminho para Carlota estar livre.

Esses pensamentos vêm de Werther não aceitar o fato de que outra pessoa ame e relacione-se com sua amada Carlota. Werther, desse ponto da obra em diante, chega a um desespero mediante sua própria existência, que cada vez mais se torna insignificante frente à falta que seu amor faz, bem como decepções e insatisfações com a sociedade.

Em 4 de setembro, Werther relata estar de volta à vila onde se iniciou a história do romance, em busca de reencontrar Carlota. Goethe traz fortemente, num trecho, um elemento da concepção romântica de Natureza: a correspondência entre a interioridade humana, seus sentimentos com o mundo externo, indo ao encontro da ideia de unidade, de sentir-se pertencente à Natureza. Contrapondo ao ideal estabelecido pela ciência moderna de qualidades primárias e secundárias da matéria, onde as secundárias, que tratam da subjetividade do Ser, não deveriam ser consideradas na análise científica. Vejamos:

Sim, é isso mesmo! Assim como a natureza se inclina para o outono, também o outono vive dentro de mim e em torno de mim. As folhas da minha alma vão amarelecendo, enquanto as folhas das árvores vizinhas tombam (GOETHE, 1971, p. 100).

Neto (2019) nos oferece uma interpretação interessante sobre como Goethe faz uso das mudanças das estações como metáforas para discorrer a respeito das mudanças pelas quais Werther estava passando.

O Outono sugere a aproximação do inverno, desta forma o fim desta estação é marcado pela tensão, anúncio da fria estação que se aproxima. As cores

amareladas e tristes e a queda das folhas das árvores contrastam com o calor do verão e as cores vicejantes da primavera. É a melancolia que prenuncia a proximidade da estação das tormentas e do frio intenso. Assim, o outono interior, da alma do personagem, marca a mudança em seu estado de espírito. Não há mais os passeios, os folguedos, os jogos e a alegria das estações anteriores (NETO, 2019, p. 72).

Ainda sobre a relação da interioridade com a Natureza externa, Bergamo (2017) observa:

Seja lá o que estiver oculto nas profundidades da natureza, esse existencial incognoscível é permeado pelo sentimento de terror e espanto. Frente ao desconhecido, e imobilizado pelas forças vorazes da natureza, o sujeito ou absorve o infinito, ou dissolve-se nele (BERGAMO, 2017, p. 23).

Esse elemento que Goethe apresenta da relação Homem-Natureza é um dos mais presentes na obra. A todo instante percebemos como a Natureza muda para nosso personagem, em conformidade com seus sentimentos. A tragédia se anunciando e com o amor platônico, qual não poderia ser transformado em uma relação como desejava, a Natureza passa a aparecer para Werther como sombria, tediosa. A amargura sentimental o acompanha ao passo que a Natureza perde sua vida e beleza.

Ao passar da narrativa, em setembro de 1772, Werther reencontra Carlota, agora casada com Alberto. Isso só acaba por dilacerar ainda mais os seus sentimentos, frente à impossibilidade de concretizar seu amor por ela.

[...] o ambiente natural agora parece suscitar outros sentimentos no personagem-narrador, diferentes daquele enlevo descrito nas primeiras cartas. No fim da primeira parte e em toda a segunda metade da narrativa a Natureza ganha tons mais sombrios e passa a despertar a tristeza em Werther, que parece não mais sentir prazer na contemplação do cosmos (NETO, 2019, p. 73).

Se aproximando do fim da obra, as cartas de outubro de 1772 já mostram um Werther tomado pela angústia, pelas incertezas do amor não correspondido, relata em 19 de outubro sentir um “vazio horrível” em seu peito. Tudo isso o leva a olhar para a vida humana com certa melancolia, como descrito na carta de 26 e 27 de outubro:

Sim, meu amigo, para mim, cada vez mais se torna uma certeza que a existência de um ser humano tem muito pouca importância [...] Quantas vezes tenho vontade de rasgar o peito e estourar o crânio vendo que somos tão pouca coisa uns para os outros! (GOETHE, 1971, p. 108 - 109).

Em 3 novembro, Werther já externa o seu descontentamento total com a vida, afirmando na carta que pede a Deus para deitar a noite e não acordar mais pela manhã. Lamenta-se por ter chegado nesse estágio, visto que nada mais o satisfaz e tudo é lamentação. Nesse ponto, Werther lança grande culpa sobre si mesmo, admitindo ser o único culpado pela sua situação. Na mesma carta, Werther externa o que mais lhe incomoda, que é o fato de ter perdido sua vivacidade e a capacidade de contemplar e alcançar o sentimento da Natureza. Aquela que tanto o ajudou no início agora o amargura cada vez mais.

Aumenta o meu sofrimento verificar que perdi aquilo que fazia o encanto da minha vida: sagrada e tumultuosa força graças à qual podia criar mundos e mundos em torno de mim. Essa força não mais existe! Quando contemplo, da minha janela, o sol matutino rasgar a bruma sobre a colina distante, iluminando campina silenciosa no fundo do vale, e vejo o riacho tranquilo correndo para mim e serpenteando entre os salgueiros desfolhados, essa natureza me parece fria e inanimada como uma estampa colorida (GOETHE, 1971, p. 110).

Na carta de 30 de novembro, Werther relata ter encontrado um homem na beira de um riacho, que procurava flores durante o inverno e que tinha algum transtorno mental. A mãe desse homem o acompanhava e relata a Werther que seu filho considerava a época mais feliz de sua vida, o momento em que havia perdido por completo a razão e ficou internado em um hospício.

Werther questiona a si mesmo se a Deus teria dado a sorte aos homens de encontrar a plena felicidade somente com a falta da razão, como percebemos na mesma carta:

Deus do céu, essa deve ser então a sorte que concedeis aos homens, de só torná-los felizes antes de possuírem e depois de haverem perdido a razão? E, no entanto, ó desgraçado, como eu invejo a melancolia e o alheamento de espírito em que você vegeta! (GOETHE, 1971, p. 117)

Esse evento acaba por piorar ainda mais a situação de Werther, que ao final da carta, acaba por deixar a ideia de suicídio em evidência: “O mundo é o mesmo em toda parte: sofrimento e trabalho, depois recompensa e prazer; mas, que me importa isso?” (GOETHE, 1971, p. 118).

Ao final da obra, há uma mudança de narrador, o editor entra em cena para relatar os últimos momentos de vida de Werther. Logo no início, Goethe nos apresenta mais um forte indício da relação entre os sentimentos, a interioridade e o mundo

externo e como isso sofre influência do estado atual, pois, toda a beleza e vida que afloravam, no início da obra, transitoriamente, torna-se apenas um fardo a ser carregado.

O desgosto e o desalento mergulharam suas raízes cada vez mais na alma de Werther e, alastrando-se como uma vegetação abafada, acabaram por tomar inteiramente conta do seu ser. A harmonia da sua inteligência foi destruída por completo, todas as forças da sua natureza entraram numa confusa eferescência, tomadas de um tal ardor, de uma tal violência interior que, tendo produzido os efeitos mais funestos, o esgotaram por fim. E os seus esforços para vencer esse acabrunhamento lhe causavam maiores angústias do que todos os males contra os quais havia até então lutado. Nessa angústia do coração consumiu as faculdades do espírito, a vivacidade, a intuição penetrante. Em sociedade, mostrava-se cada vez mais sombrio, cada vez mais desgraçado e, também, cada vez mais injusto à medida que se ia tornando mais infeliz. (GOETHE, 1971, p. 123)

Como forma de justificar a aparição do editor para contar os eventos finais, Werle (2017) argumenta que a mudança se dá, pois:

[...] o fato de o editor assumir a narrativa remete à circunstância de Werther estar tão dominado pelos sentimentos, à beira da loucura, que não consegue mais articular narrativamente, com sã consciência, os seus atos. Por outro lado, seria igualmente incoerente se uma série de fatos importantes para o enredo do romance, como o pedido de Alberto a Carlota e para que abandone Werther, bem como a reação final de Lotte diante da morte pré anunciada por Werther, fosse tratada numa carta de Werther mesmo. Nesse ponto intervém a função do narrador (WERLE, 2017, p. 47-48).

Temos, a partir do texto do editor, maiores informações a respeito de Carlota, que pouco aparecera na primeira parte do livro. Visualizamos essa personagem por outra ótica agora, pois, na obra toda construímos nossa percepção sobre Carlota a partir dos sentimentos de Werther.

[...] essa parte final do romance possui uma forte concentração na interioridade de Lotte, que até aquele momento, principalmente na primeira parte do romance, pouco aparecera. Para ficar no paradigma da visibilidade do romance, ela era algo como uma “estátua viva”, mas imóvel, um reflexo das ideias e expectativas de Werther. Somente agora ela toma a dianteira no romance, na conversa com Werther para que a visite menos, na dúvida que tem em contar o incidente do abraço e beijo de Werther para o marido Albert, na cena da entrega das pistolas ao criado de Werther, na reação diante da morte de Werther e no pressentimento deste ato (WERLE, 2017, p. 48).

Goethe retira brevemente o editor de cena para nos apresentar as cartas finais de Werther, em que o mesmo já se encontra em um estado no qual não seria mais

possível recuperá-lo, estava entregue à melancolia, estava claro de uma vez por todas que não seria possível tornar seu romance com Carlota realidade. A ideia de suicídio já aparece com fortes indícios nas linhas finais de Werther, como por exemplo, na carta de 14 de dezembro:

Sua presença, seu destino, o interesse que ela toma por mim exprimem ainda uma última esperança em meu cérebro vazio. Erguer a cortina e passar para o outro lado, eis tudo! Por que então hesitar e tremer? Por que se ignora o que existe desse outro lado e por que não mais de lá se regressa? E também por que é próprio do nosso espírito imaginar por toda parte caos e trevas, quando nada sabemos ao certo? (GOETHE, 1971, p. 133)

Werther encerra suas conversas com Wilhelm, despedindo-se deste na carta do dia 20 de dezembro. Nosso personagem agradece seu amigo por o ter acompanhado durante esse percurso. Então o editor volta novamente a narrar o final da história, relatando que Werther, depois de se despedir de seu amigo visitou Carlota, quando conversavam sobre o Natal, que acabou levando a uma discussão entre ambos.

Podemos considerar que nosso personagem acabou não compreendendo as intenções de Carlota e caiu em seu infinito amor por ela. Carlota admirava muito a pessoa de Werther, porém, o estimava apenas como amigo, deixando seu sentimento de amor a Alberto. Chegando a sugerir a Werther que a visite menos e que se case com outra mulher, para que assim possam cultivar sua amizade (WERLE, 2017).

Pela manhã de 21 de dezembro, em seus dias finais. Werther escreve uma última carta a Carlota, porém, essa não foi enviada, foi deixada fechada em sua escrivaninha. No conteúdo, Werther revela a Carlota não ter mais forças para suportar a vida sem sua amada. Nosso personagem chega ao seu fundo, já não lhe resta nada, tudo aquilo que um dia o alegrou e o encheu de vida, agora não faz mais sentido.

É coisa resolvida, Carlota: quero morrer. Escrevo-lhe isto tranquilamente, sem exaltação romanesca, na manhã do dia em que a verei pela última vez. Quando você ler esta carta, minha bem-amada, o tumulto frio cobrirá os restos enregelados do infeliz, de espírito inquieto, que não sabe de mais doce emprego a fazer dos seus últimos momentos de vida senão entretê-los com aquela a quem tanto amou. Passei uma noite terrível, mas também, ai de mim, uma noite terrível, que fortaleceu, fixou a minha resolução. Quero morrer! (GOETHE, 1971, p. 137-138).

Nesta última carta para Carlota, Werther deixa claro todo o amor que sentia por ela. Deixa claro que sem ela sua vida não tem sentido. Revela também que, muitas

vezes pensou em assassina-la, juntamente com seu marido e em seguida cometer suicídio para livrar-se da dor. Werther faz também uma espécie de último desejo a ela, pedindo-lhe que se lembre dele ao subir as colinas onde se encontravam e para que contemple seu túmulo, “sobre o qual o vento agitará os arbustos à luz do sol poente! [...]” (GOETHE, 1971, p. 138).

Em 21 de Dezembro, Werther visita Carlota pela última vez, encontro esse que proporciona um encontro cheio de emoção entre os dois, Werther faz a leitura de alguns cantos de Ossian, que havia traduzido para Carlota. Werther ao final da leitura joga-se aos pés de Carlota, tomado pelo desespero e pela vontade de tê-la para ele, o que acaba resultando em um forçado beijo em sua amada, que tentou evitar:

O mundo inteiro deixou de existir. Werther enlaçou-a com os braços, apertou-a ao coração e cobriu de beijos furiosos seus lábios trêmulos e balbuciantes. "Werther!", exclamou ela com a voz abafada, tentando escapar-se. "Werther!" E, com uma das mãos, procurava, quase sem forças, afastá-lo. "Werther!", repetiu com um tom resolutivo que exprimia os mais nobres sentimentos; e Ele, não resistindo, soltou-a e prosternou-se a seus pés como um insensato (GOETHE, 1971, p. 151).

Após isso, Carlota deixa Werther e tranca-se em um quarto. Nosso personagem, numa falha tentativa de se despedir pessoalmente, diz a Carlota que esta nunca mais o verá e despede-se aos gritos de “Adeus! ”. Na manhã seguinte, Werther pede a seu criado para que leve um bilhete a Alberto, no qual pede emprestado algumas de suas armas para uma suposta viagem. O criado vai à casa do casal e os encontra, Alberto pede para que Carlota pegue as armas e entregue, ela, nesse momento, fica envolta a uma má sensação, temendo pela vida de Werther.

Nosso personagem, ao receber as armas, ainda prepara uma última escrita a sua amada, já tomado pelo sentimento do suicídio, Werther premeditou o pedido das armas para que essas fossem tocadas por Carlota, numa tentativa de ter uma última aproximação e contato com ela. Werther diz:

Elas passaram pelas suas mãos, você as limpou! Beije-as mil vezes: você tocou-as. É você, anjo do céu, que favorece meu desígnio! Você mesma, Carlota, fornece o instrumento que vai consumá-lo! Desejei receber a morte de suas mãos: é de você que a recebo hoje! Interroguei o meu criado e Ele contou-me que você tremia ao entregar-lhe as pistolas, e não me enviou um adeus! ... Ai de mim, ai de mim, nem um adeus! ... Ter-me-ia fechado o coração por causa deste instante que me liga a você para sempre? Ó Carlota, milhares de anos não bastariam para apagar a impressão de tudo isso, e, sinto-o, você não pode odiar aquele que arde assim por sua causa! (GOETHE, 1971, p. 158).

Assim, Werther já em um caminho sem volta, rodeado pela Natureza que outrora contemplou, derramando nela agora lágrimas de seus sentimentos sofridos pelo amor não correspondido, cometeu o suicídio tão anunciado pelo próprio. Sendo encontrado o corpo somente ao amanhecer do dia. A notícia logo chegou à vila toda, causando tamanha comoção, especialmente em sua amada Carlota.

Goethe dá, assim, fim à sua primeira grande obra. Obra essa que marcou definitivamente o movimento Pré-Romântico e serviu como referência no processo de construção de uma concepção de Natureza que buscasse contrapor-se à Ciência Moderna. Percebemos, ao longo de toda a obra, como Goethe mostrou ser possível trabalhar e se desenvolver uma nova concepção de Natureza, pautada na valorização da subjetividade, dos sentimentos, tudo isso via uma linguagem poética, em contrapartida à Natureza matematizada e mecanizada que exploramos no primeiro capítulo.

Na obra em questão a Natureza pode ser entendida como uma personagem, que influencia e é influenciada por Werther, numa tentativa de mostrar como somos parte dela, fazendo uso da ideia de unidade, que tanto buscam os românticos. Como observa Neto (2019, p.76) “Os elementos naturais potencializam a subjetividade de Werther, que por vezes parece se fundir com o cosmos buscando uma expansão de seus limites expressivos. ”.

Natureza e Werther parecem ser um só durante a história, a mudança de um acompanha o outro. Werther sente-se na paisagem, não apenas a assiste como mero espectador. A imagem da Natureza é produzida através dos seus anseios, e como elucida Lenoble (2002), a paisagem torna-se um estado de alma do sujeito. Sua subjetividade é usada para interpretar as ações da Natureza, senti-la, contemplá-la, ao mesmo tempo em que ela reflete “a interioridade do personagem, em um processo de ambientação reflexiva. ” (NETO, 2019, p. 76-77).

Werther, assim, sofreu com seus sentimentos. Buscou na Natureza a maneira de entender-se e gozar da vida, o que lhe foi possível durante o início da obra, quando a Natureza lhe fazia bem, enchia-o de vida e inspiração, sendo esses sentimentos destruídos após seu amor platônico por Carlota não ser correspondido. Aqui temos um grande exemplo da diferença do olhar lançado a Natureza, Goethe nos sugere uma ideia de valorizá-la, contrapondo o que vimos no primeiro capítulo, em que era vista muito mais como uma posse (na visão de Bacon e Descartes) a ser explorada

pelos seus donos e senhores (Lenoble, 2002). O autor ainda destaca que “Descartes mecanizou a Natureza para engrandecer o homem e colocá-lo perante o seu criador” (LENOBLE, 2002, p. 283).

Lenoble busca destacar como esse olhar para a Natureza oferece possibilidade de entender determinados aspectos da vida, em detrimento de outros, já que ela, vista no contexto de posse:

[...] é um brinquedo mecânico, é-se seduzido a conhecê-la porque é útil e também porque é muito divertido. Mas este jogo do espírito suscita um entusiasmo de intelectual, nada dos voos do artista. Da mesma forma que distinguiu a sua causa da metafísica, a ciência separa-se da arte (LENOBLE, 2002, p. 271).

Como observamos na trajetória de Werther, a sua subjetividade conflui em direção à valorização estética da Natureza. Porém, ela esbarra em certas objetividades empregadas pela sociedade em que vivia. Podemos entender isso como uma representação da fragmentação e racionalização, aplicadas na ciência, agora vistas também na organização social. Por fim, Lenoble ainda nos alerta para o fato de:

Reduzir a Natureza à ciência é, antes do mais, ignorar a história [...] Nunca o homem se contentou, e nunca se contentará, com as poucas informações parciais que ela nos fornece. Ele erguerá sempre os olhos para a Natureza para penetrar o seu mistério, para conhecer o seu segredo [...] Que o homem possa conceber a Natureza como um Todo é já um fato metafísico e uma afirmação da sua transcendência (LENOBLE, 2002, p. 318).

É nesse sentido, de conceber a Natureza como um Todo, que Goethe buscou desenvolver sua concepção e questionar aquilo que estava posto como única verdade. Sem dúvida, a obra aqui discutida tem grande importância nesse contexto, sendo até hoje uma importante referência para quem quer ter contato com uma ideia de Natureza que busque ir além do que os limites da fragmentação, racionalização e matematização, impõem. Obviamente, sem esquecer-se de todos os benefícios e avanços técnicos que a Ciência Moderna produziu.

CONCLUSÃO

Goethe buscou, acima de tudo, reinterpretar a Natureza perante o contexto em que viveu. A consolidação da Ciência Moderna, com seus avanços técnicos e descobertas em diversos campos do conhecimento, sem dúvida alguma, foram essências para a humanidade, contudo, a Natureza construída filosoficamente nesse momento, pautada numa visão matematizada e mecanicista, parecia frágil para Goethe.

A Ciência Moderna, mais especificamente Galileu e Kepler, ao dividirem as qualidades da matéria em primárias e secundárias, delimitaram quais aspectos deveriam ser levados em conta por quem analisa a Natureza. Como sabemos, as primárias, aquelas que eram possíveis de mensuração matemática e experimentação, teriam valor científico, enquanto as secundárias, vindas da subjetividade humana, não teriam valor na análise.

As qualidades secundárias, aquelas que dizem respeito à interioridade humana, a sua subjetividade, nos ajudam a entender a visão de Natureza que Goethe, os pré-românticos e românticos buscaram construir para ser uma alternativa àquela Natureza vista somente com a ótica da matemática. Como resposta a matemática, Goethe e os românticos propõem a arte; como alternativa à visão de fragmentação e divisão de Descartes, temos em Goethe uma Natureza que busca a unidade, sobretudo com o sujeito que a contempla. A Natureza máquina de Galileu e Descartes é contraposta a uma Natureza orgânica. Esses são alguns aspectos que acreditamos ser essências para entender a proposta goethiana.

Buscamos em *Werther* elementos para que pudéssemos evidenciar esses pontos que destacamos acima. Goethe, através desse romance, consegue fazer uma discussão no campo da filosofia, em um momento fértil para o debate em torno da concepção de Natureza, a qual, nos é apresentada a partir de *Werther*, uma Natureza que está em conjunto com o personagem principal, que tanto é influenciado por ela. Vemos isso especialmente na primeira parte do romance, em que a Natureza lhe desperta alegria e vivacidade. Já na segunda parte, a forma como a Natureza lhe é revelada, sofre os impactos das tristezas e decepções de Werther, se tornando melancólica.

Nos relatos e descrições de *Werther*, a Natureza tem papel central. Ela é revestida com toda uma beleza poética e repleta de sacralidade, algo que outrora tinha se perdido. Esses elementos fazem uma conexão entre a interioridade humana e o

mundo externo, dando-lhe a sensação de pertencimento à Natureza, de unidade, visto que, quando Werther descreve uma paisagem, está descrevendo seus próprios sentimentos. Goethe, com isso, deixa claro como ele enxerga a relação entre sujeito-objeto. Ele busca superar a divisão estabelecida pelos preceitos modernos.

A ideia de unidade fica evidente no romance, quando temos essa “troca de influência” entre Werther e Natureza, assim como, ela servindo muitas vezes de refúgio para as suas angústias e da sociedade que o cerca. Werther buscou superar os limites impostos por essa sociedade, em busca de encontrar-se em um lugar que lhe proporcionasse a felicidade desejada.

Por fim, podemos olhar para nossa realidade atual e nos questionarmos como estamos tratando a Natureza. Predomina uma concepção de que ela somente nos serve como recurso econômico, apenas. Neste sentido, a Natureza apresentada por Goethe nos oferece uma possibilidade de refletir em busca de uma concepção em que entendamos as múltiplas facetas da Natureza, para além do olhar coisificado e de exploração.

Reconhecerno-nos enquanto Natureza e entender que somos parte desse organismo vivo se faz necessário para repensarmos como definimos a relação Homem-Natureza. Acreditamos que esse foi o papel principal desse trabalho, trazer para o debate uma concepção de Natureza que busque considerá-la algo além de apenas uma máquina, no sentido de refletirmos sobre possibilidades de superação de um modelo que nos está posto atualmente.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. M. Aspectos da Natureza no Romantismo: um recorte crítico. **A Palo Seco**, v. 8, n. 8, p.39-46, out., 2016.
- ARRAES, Esdras Araujo. A apreensão sensível da natureza em Goethe e Humboldt. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 42, p. 11-22, dez. 2018.
- BAUAB, F. P. **Da Geografia Medieval às origens da Geografia Moderna: contrastes entre diferentes noções de Natureza, Espaço e Tempo**. 2005. 313 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.
- BAUAB, F. P. **O organicismo da natureza dos quadros**: um estudo sobre os principais vínculos teóricos que alicerçaram os Quadros da Natureza, de A. von Humboldt. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2001.
- BERGAMO, M. S. **O Sentimento de Natureza do Pré-Romantismo Alemão: filosofia, arte e poesia no projeto epistêmico-filosófico do sturm und drang**. 2017. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia), Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2017.
- BERLIN, I. **As Raízes do Romantismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- BORNHEIM, G. Filosofia do Romantismo. In: GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 75-111
- BURTT, E. A. **As Bases metafísicas da Ciência Moderna**. Brasília: Universidade de Brasília, 1983.
- CARPEAUX, O. M. **A história concisa da literatura alemã**. São Paulo: Faro Editorial, 2013.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FARA, P. **Uma breve história da ciência**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2014.
- GOETHE, J. W. V. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- HADOT, P. **O Véu de Ísis**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HENRY, J. **A revolução científica e as origens da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LENOBLE, R. **História da ideia de Natureza**. Lisboa: Edições 70, 2002.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2007.

MONTEZ, L. B. O investigador ilustrado. In: **ENTRECLÁSSICOS: Johann Wolfgang von Goethe.** São Paulo: Ediouro, 2010.

NETO, J. C. R. **Natureza e Subjetividade no Werther de Goethe.** 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

ORLANDI, E. **Gigantes da Literatura Universal: Goethe.** Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

PESSANHA, J. A. M. Humanismo e pintura. In: NOVAES, A. (Org.) **Artepensamento.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

REDYSON, D. **Os anos de aprendizado filosófico: a filosofia na obra de Johan Wolfgang von Goethe.** João Pessoa: Ed. da UFPB, 2015.

SAFRANSKI, R. **Romantismo: Uma questão alemã.** São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

TARNAS, R. **A Epopeia do Pensamento Ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

WERLE, M. A. Natureza e sociedade no Werther de Goethe. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 22, p. 39-49, jul. 2017.